

A Classe Operária

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL



ANO 65 — VI FASE Nº 31 — DE 9 A 22 DE NOVEMBRO DE 1989

NCz\$ 3,00

A vitória ao alcance da mão

Depois de 29 anos privado do direito de eleger o presidente da República, o povo brasileiro chega ao 15 de novembro com amplas possibilidades de mudar o seu destino, votando em Lula, candidato da Frente Brasil Popular. Neste número ampla cobertura da campanha na reta final.

15 de novembro não é dia só de votar. É dia de mobilização, dia de luta, de esclarecimento e de vigilância. Todos os militantes da

Frente Brasil Popular estão chamados a jogar o papel que jogaram durante toda a campanha, de ativistas de vanguarda. Isto é importante para ajudar o povo a votar certo. Votar na Frente. No Brasil Popular. E levar o Lula-lá!



FRENTE
BRASIL
POPULAR



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Para Aguinaldo e Alberto

A Classe rende uma homenagem a seus dois fotógrafos, mortos em acidente na semana passada.

Um acidente automobilístico tirou, no último dia 3, a vida dos dois fotógrafos da **Classe Operária**, Aguinaldo Zordenoni e Alberto Willian Byron do Carmo. Ambos eram extremamente jovens, e estavam em franco processo de amadurecimento pessoal e profissional. Haviam chegado à fotografia e ao jornal por caminhos diferentes, mas em pelo menos um aspecto haviam se tornado iguais. Desenvolviavam um enorme esforço para aperfeiçoarem-se no fotojornalismo, para retratar com sensibilidade as grandezas e misérias da vida humana, e para contribuir com seu trabalho para transformá-la. Por isso a morte deles chocou não apenas os familiares, mas todos os que sabem que não há transformação social sem militantes lúcidos, conscientes e críticos.

Aguinaldo Zordenoni, que tinha 19 anos, era de origem humilde, e desde cedo foi obrigado a trabalhar, para garantir sua própria sobrevivência e a da família. Também atuou no movimento secundarista. Em 1985 foi um dos responsáveis pela organização do Grêmio do Colégio Marechal Floriano, em S. Paulo. Entrou em contato com a UJS e o PCdoB, aos quais se integrou, e foi diretor de imprensa da União Municipal dos Estudantes Secundaristas, UMES.

Inquieto, ansioso por alargar seus conhecimentos e sua atuação política, descobriu a fotografia há três anos, e a ela se dedicou. Substituiu, no antigo jornal "Tribuna Operária", seu amigo Ailton Carlos Leite. Trabalhou na **Classe** desde o primeiro número da fase atual.

Não encarava este trabalho de forma burocrática. Preocupado com o próprio aprimoramento profissional, cursou escolas de fotografia. Nos últimos meses dedicava-se, junto com Alberto e um grupo de fotógrafos experientes, à consolidação da **Fóton**, uma agência de fotojornalismo dedicada a prestar serviços de qualidade ao movimento popular.

Alberto Willian, o "Beto", tinha 21 anos. Em seu caso, o interesse pela profissão precedeu a atuação política. Há

mais de quatro anos ele mantinha, em sociedade com o amigo Moacir Lopes, um estúdio fotográfico no bairro do Jabaquara, em S. Paulo. Havia se especializado em fotos industriais, publicitárias, de modelos e de eventos sociais.

No início deste ano decidiu dedicar-se ao fotojornalismo. Passou a comparecer e a fotografar eventos políticos, mesmo sem ter ainda onde publicar seus trabalhos. Ligou-se por algum tempo ao "Jornal de Jacaré". E a partir de julho passou a fotografar para a **Classe**.

Segundo Moacir, Beto "encontrou-se" na nova atividade, chegando a realizar notável desenvolvimento profissional. Por influência do pai, simpatizara desde menino com as idéias do socialismo e do comunismo. A possibilidade de atuar concretamente em favor destas idéias levou-o inclusive a abdicar de antigas paixões, como o surfe e as viagens constantes à praia. Ao mesmo tempo aprofundou antigas características, como o espírito crítico aguçado, disciplina profissional e rigor na avaliação de seu próprio trabalho.

A morte trágica de Aguinaldo e Alberto acabou ocorrendo em circunstâncias que revelam a um só tempo tanto a vitalidade juvenil quanto a responsabilidade profissional dos dois. Depois de trabalharem até tarde no feriado do dia 2, haviam se dirigido a S. José dos Campos, para participar de uma festa que se estendeu pela noite. Precisavam, porém, estar de volta a S. Paulo na manhã do dia 3, para fotografar atividades da campanha da Frente Brasil Popular, e resolveram fazer a viagem de volta ainda cedo. Ao percorrerem a Rodovia Presidente Dutra, na altura do município de Arujá, o carro em que viajavam se desgovernou, indo de encontro a uma árvore próxima à pista. Os seis ocupantes do veículo morreram.

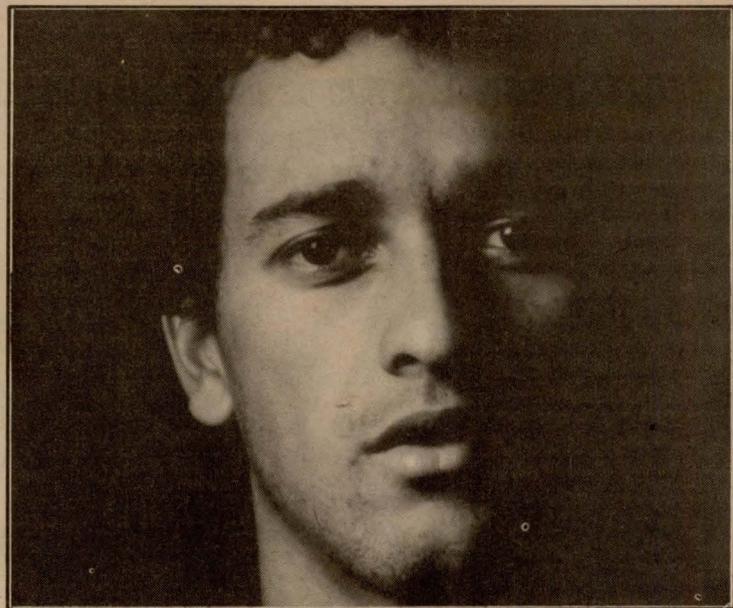


Foto feita por Alberto, no comício de Lula na Praça da Sé.

Betinho

Vera Lúcia Gallego

*Inconformar, conformar
Confirmar a ausência
de uma pessoa que
tanto nos faz falta.
Presença, ausência
saudades de alguém que sempre
esteve ao nosso lado
Matéria, alma, energia
espírito de luz que
sempre transmitiu
paz e segurança a
todos a sua volta
No fim...conformar
com a ausência da matéria
No fim da matéria,
confirmar a presença
do espírito que continuará
sempre
ao nosso lado...saudades*



Alberto, num auto-retrato. Espírito crítico aguçado e avaliação rigorosa do próprio trabalho.



Aguinaldo fotografa Lula, num comício da campanha eleitoral. Ele atuou incansavelmente na cobertura das atividades da FBP.

Aguinaldo

Myriam Luiz Alves

Aguinaldo Zordenoni — sorriso em dentes de menino num corpo grande, crescido. A vida traz e leva essa ginga que já faz falta, seja entre as multidões onde exercia seu ofício, seja no encontro rápido da cerveja, onde o carinho de amigo contagia, invade e alivia. "Você partiu, quem sabe, pra outro mundo...", Maiakovski disse ao poeta que partiu, jovem como Aguinaldo. Mas neste mundo fica a amizade, fica a alegria em termos sua companhia nessa luta que agrega a seriedade da participação, da ousadia, e por que não da farrá, como no ônibus para Brasília. Nas ruas da Liberdade, na padaria ou no restaurante Velhos Tempos, vamos sentir sua falta. Você era grande demais para que não a sintamos.

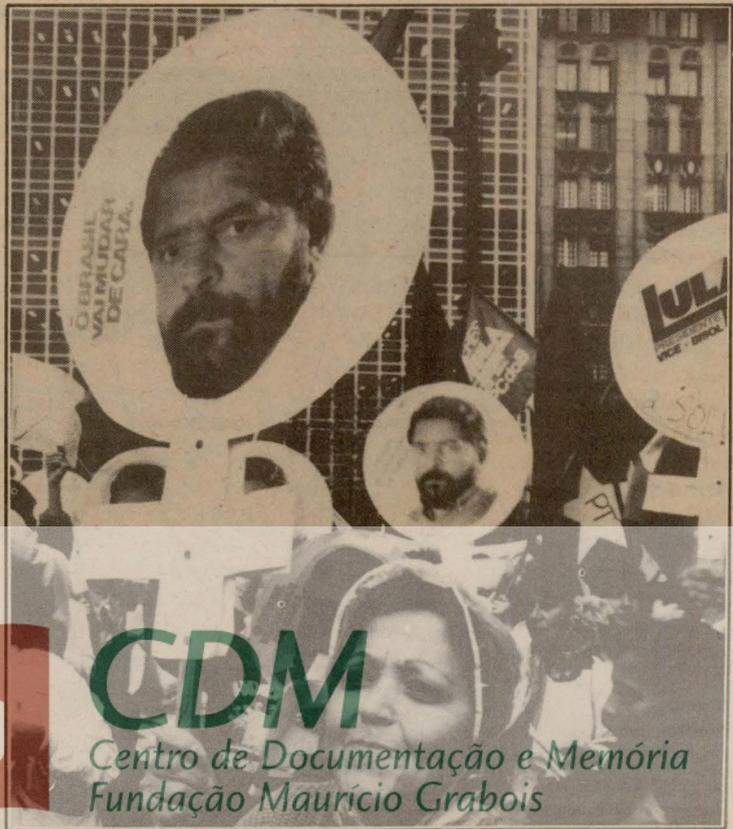


Foto feita por Aguinaldo, numa passeata de mulheres da FBP. Sensibilidade para captar a angústia e a luta do povo.

A CLASSE OPERÁRIA

Diretor e Jornalista Responsável:
João Amazonas

Editor: José Reinaldo de Carvalho
Redação: Antonio Martins, Carlos Pompe, Irasson Cordeiro Lopes e Umberto Martins

Diagramação: José Luís Muñera Reyes

Centro de Documentação: Rosane Montiel

Fotografia: Agência Fóton

Administração e assinaturas: Cláudia Medeiros e Dalva Silva

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53 — Bela Vista — CEP 01318 — S. Paulo-SP

Telefone: (011) 36-7531 e 36-0412

Telex: 11-32133

CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

EDITORIAL

A nova cara do Brasil

15 de novembro. Chegou o momento há muito tempo ansiado pelo povo brasileiro. São 29 anos de jejum eleitoral, tempo imenso, que privou mais de uma geração do sagrado direito de eleger o presidente da República.

Durante essas malfadadas três décadas o Brasil viveu dias tormentosos. Sofreu um golpe militar liberticida perpetrado em 1964 por inspiração do imperialismo norte-americano mancomunado com a aristocracia fardada, os latifundiários e uma burguesia vendida, sequiosa de poder.

A figura do mais alto mandatário da nação foi substituída por cinco generais de plantão e uma junta militar. Ao longo de 21 tenebrosos anos o país viu serem rasgadas as normas democráticas inscritas na Constituição. Foi palco de lutas palacianas, de guerrinhas no alto comando da caserna, de golpes e contragolpes cujo mote nada tinha a ver com o interesse nacional. Os generais no poder outorgaram uma Constituição e depois a emendaram. Editaram atos institucionais, entre os quais pontificou o AI-5, que dava direito ao cão de guarda poliéstrelado do Palácio do Planalto de intervir nos Estados, cassar mandatos de parlamentares, censurar a imprensa, enquadrar desafetos, amordaçar a oposição, mandar prender e arrebentar, como disse o último espécime da raça.

Nos anos da ditadura implantou-se um regime de terror contra o povo, em nome de um férico crescimento econômico, um milagre que só trouxe prosperidade aos endinheirados, suplício, fome e angústia para os que vivem do trabalho. Um verdadeiro milagre... para o capital estrangeiro e a perdulária burguesia, cevados no carcomido organismo nacional. Em nome da "segurança e do desenvolvimento" o regime ditatorial usou e abusou de suas prerrogativas auto-outorgadas e não hesitou em banir, torturar, trucidar e assassinar centenas de filhos e filhas do povo.

A pertinácia do povo brasileiro e sua convicção de conquistar a liberdade conduziram-no à memorável campanha das Diretas-já em 1984. Milhões de cidadãos foram às ruas na maior jornada cívica que registra a nossa história. Nos comícios que reuniam dezenas de milhares, centenas de milhares e até mais de 1 milhão de pessoas, exprimia-se o anseio de conquistar um novo regime, uma pátria livre, democrática e soberana.

Veio a "Nova República" e mais uma vez o povo brasileiro se viu obrigado a conter o seu brado de libertação. O novo governo, enredado em compromissos com os militares, os latifundiários, a burguesia monopolista e o capital estrangeiro, não passou de uma "austera, apagada e vil tristeza", como diria Gil Vicente. Assim se pode descrever seu ocaso, depois de tanta desidia, falência, corrupção, fisiologismo, traficância de poder e autoritarismo.

Mas é chegada a hora! O povo brasileiro amadureceu em décadas de luta pela liberdade e a independência nacional, por um regime progressista, voltado para a justiça social. Esse amadurecimento levou-o, no estágio de luta atual, a uma opção muito clara: aproveitar a arma do voto para coonestar o status-quo ou para rompê-lo, abrindo caminho a uma nova orientação ao desenvolvimento nacional. O homem da rua e do trabalho vai, assim, para as urnas, neste 15 de novembro, com este dilema para sua consciência resolver: vota na liberdade ou no autoritarismo, na soberania nacional ou no entreguismo, na deterioração da vida ou na justiça social, na manutenção do atraso ou na possibilidade de abrir caminho ao progresso.

Em última instância, é esta a verdadeira contenda do Brasil de nossos dias. As classes dominantes se apresentam na batalha sucessória através de inúmeros candidatos. Isto corresponde aos diferentes projetos das frações em que elas se decompõem. Mas todos, sem exceção — Collor, Sílvio Santos, Maluf, Afif, Caiado, Ulysses, Aureliano, Covas e mesmo Brizola —, defendem o modelo capitalista dependente, contemporizam com o latifúndio e batem continência para os militaristas.

Do outro lado da fronteira está o candidato da Frente Brasil Popular, o operário metalúrgico Luís Inácio Lula da Silva. Lançado por uma frente de esquerda, reunindo os mais expressivos segmentos dessa faixa da vida política nacional (PT, PCdoB e PSB), que representam juntos mais de 80% do movimento operário, popular e estudantil organizado do país, Lula, encarnado como símbolo da unidade popular, constitui o fator novo. Não há nenhum precedente na história de 100 anos da República do aparecimento de um candidato operário à Presidência, em nome de uma frente de esquerda, da qual faz parte o verdadeiro partido comunista, em condições de vencer.

A candidatura da FBP alcançou esse patamar de grande concorrente ao segundo turno e à vitória porque tem um programa que consulta os mais sentidos interesses nacionais e populares. Daí o pânico da burguesia. Sem mensagem, sem programa, sem nada a oferecer, rasa, vazia, indigente de idéias, se vê constringida ao papelão de estar entre tipos tão reacionários quanto exploradores do atraso a que querem condenar o povo, como um Collor e um Abravanel (SS) quaisquer.

Não levam em conta, as nossas elites, que o povo passou durante os anos da ditadura e da "Nova República" por um longo aprendizado político. O sinal da mudança está nas ruas, nos grandes comícios promovidos pela Frente Brasil Popular. Está na cara do povo, que será, a partir desta eleição, a cara sorridente, bonita, alegre, larga e franca do novo Brasil!

Até os minutos finais

Walter Sorrentino*

Os últimos dias da campanha presidencial apresentam-se como uma partida de futebol que será decidida nos minutos finais. Tendo a vitória da Frente Brasil Popular, mas não se unindo em torno de um único candidato, as classes dominantes executaram nos últimos dias uma série de manobras que tiveram como efeito um "embolamento" do meio de campo na reta final. Sarney e um setor das elites tentam de última hora alterar o jogo com a candidatura de Sílvio Santos. Antonio Ermírio e setores do PMDB saem em socorro de Covas. Em um ponto, entretanto, as forças conservadoras têm unidade, na campanha de ataques e difamação das forças populares numa desesperada tentativa de impedir a vitória de Luís Inácio Lula da Silva.

Este quadro mostra uma disputa acirrada até o último momento. Está em curso, como fenômeno objetivo, uma agudização da luta de classes sob a forma de disputa eleitoral. Para as forças populares e democráticas um desafio particular: a atividade militante não deve se esgotar nos comícios de final de campanha. Aí começa uma fase não menos decisiva da batalha. É a

atividade de esclarecimento ao eleitor nas ruas no dia 15 que será completada com a fiscalização da apuração dos votos.

A Frente Brasil Popular tem uma vantagem nesta tarefa de esclarecimento do eleitor que precisa ser melhor explorada. Nós temos os melhores "cabos eleitorais" do país. Os militantes e simpatizantes do PCdoB, do PT e do PSB só descansarão após a apuração do último voto. São homens e mulheres movidos pela consciência política da necessidade de impor uma derrota às elites. Seguindo a tradição brasileira, as classes dominantes mobilizarão seus cabos eleitorais, inclusive para a chamada "boca de urna". Mas serão pessoas mobilizadas pelo dinheiro que receberão para tal atividade. Não terão entusiasmo, nem convicção.

Somos espectadores e atores de um momento especial na história do nosso país. Os comunistas devem empregar o melhor de sua energia, de sua capacidade de organização, de sua garra, de sua abnegação e de seu entusiasmo para executar as últimas tarefas desta grandiosa batalha de classe.

*Da direção nacional do PCdoB

Tensionar todas as forças

Haroldo Lima*

A Frente Brasil Popular chegou à fase da mobilização de amplas massas. A seu chamado, multidões acorrem às praças públicas, realizando comícios memoráveis, desfilando pelas avenidas confiança na vitória e esperança de mudanças. Na verdade, há cerca de 30 dias um fato novo apareceu na cena política do país: as massas assumiram a campanha de Lula e as expectativas anteriormente feitas são todas ultrapassadas.

A campanha vai revelando uma significativa debilidade política das classes dominantes. Seus esquemas, em geral, fracassaram. Seus candidatos, em geral, enfrentam grandes dificuldades. Os representantes dos dois maiores partidos do país, Ulysses e Aureliano, chegam a ser desprezados pelo eleitorado frustrado e decepcionado. Há os que, como Afif e Collor, em plena escalada, são desmascarados e despencam. Os outros não conseguem "decolar", como o Covas, ou se arrastam sem forças, como o ultradireitista Caiado.

Não se pode dizer que as classes dominantes não têm mais margem de manobra nem que deixarão de tentar novas saídas. A operação Sílvio Santos demonstra essa verdade. Mas demonstra também a fragilidade das trapaças arranjadas de última hora. Sílvio Santos complicou a situação das candidaturas de direita, não conseguiu

atingir a frente de esquerda com seu candidato Lula. Faz lembrar a história da montanha que mexeu, mexeu e pariu um rato. Embora deva-se estar alerta para novas investidas reacionárias, voltadas para tumultuar o processo e desbançar Lula, as providências básicas devem se orientar na direção da mobilização total.

O Partido Comunista nesta reta final deve tensionar todas as suas forças e ir à luta política, reforçando a unidade da frente e salientando sua independência partidária.

O momento dos embates políticos é o mais propício para o crescimento do Partido. Dentro da frente e cumprindo suas tarefas o Partido deve realçar suas marcas, seus símbolos, sua sigla, deve modelar seu discurso segundo a tonalidade da frente e com as ênfases que decorrem de suas opiniões específicas, e deve convocar ativistas para suas fileiras, em grande número, integrando-os imediatamente nas tarefas da frente. Após as eleições, aí sim, o aprofundamento de questões ideológicas. O Partido necessita, finalmente, destacar o papel das suas lideranças mais expressivas, contribuindo para que as massas vinculem as idéias socialistas e comunistas com os líderes que as defendem.

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

*Membro da direção dos Deputados e membro da direção nacional

Manobras e pressões de última hora. Mas o povo já escolheu seu rumo

José Reinaldo Carvalho*

“Mas que oportunismo! O Sarney é moleque e o Hugo Napoleão um canalha”. Assim reagiu Antônio Ermirio de Moraes, dono do maior conglomerado industrial do país, ao lançamento da candidatura de Sílvio Santos no último dia 31. A declaração é representativa do impacto que causou uma das mais vergonhosas manobras políticas de que se tem notícia na conturbada história da República brasileira. Foi uma verdadeira negociata, que envolveu conchavos palacianos, pressões pela renúncia do candidato do PFL, Aureliano Chaves e, finalmente, um leilão milionário de micro-legendas, viciando o processo eleitoral. O dono do baú e do Sistema Brasileiro de Televisão, Sílvio Santos, encontrou, por fim, a legenda do obscuro PMB, onde se abrigam oportunistas de todo tipo mesclados com mercenários da pregação evangélica. Na vida religiosa, como na política, o que pesa para gente como Armando Corrêa (o “capo” do PMB), Agostinho Linhares (o ex-vice de Corrêa) e José Felinto (homem dos bastidores), é o vil metal.

Sarney arquitetou e os seus fiéis escudeiros executaram a manobra SS

Pareceria espantoso, se não estivéssemos no ocaso de um dos mais desmoralizados governos, a evidência de que tudo foi arquitetado pelo presidente da República através dos seus escudeiros Saulo Ramos, Augusto Marzagão, que além de secretário particular do presidente é vice-presidente da Televisa, poderosa rede mexicana de televisão, e executado pelos senadores do PFL Edson Lobão, Marcondes Gadelha, que ganhou a vice de SS, e Hugo Napoleão, presidente do partido.

Mas o “golpe do baú” merece menos atenção pelos escabrosos detalhes como foi concebido e perpetrado do que pelo seu significado político e sociológico. Não é fenômeno desligado de outros lances que vêm à tona na reta final da disputa sucessória. E nem se trata apenas de um simples capricho pessoal do ocupante do Planalto.

A manobra SS ocorre num momento em que a candidatura de Collor de Mello vinha apresentando claros sinais de desgaste e em que se observa vertiginosa ascensão da candidatura de Lula, pela Frente Brasil Popular. Cada vez mais fica claro que a esquerda brasileira representada nessa coligação tem amplas chances de disputar o segundo turno, que será, nessa hipótese, uma luta

sem meios tons entre o povo e as elites. Para as classes dominantes o referencial básico é impedir que tal ocorra e, se ocorrer, derrotar o candidato da Frente Brasil Popular. Através de manifestos, declarações e artigos, as mais expressivas lideranças do empresariado nacional já deixaram claro que marcham com qualquer um, desde que seja para derrotar o metalúrgico (veja matéria nas páginas 12 e 13). E, tanto quanto possível, para se assegurarem, preferem que o segundo turno seja disputado por dois elementos da direita.

As elites brasileiras têm dificuldade de se unir. Seu projeto faliu

Enquanto a candidatura SS era mero balão de ensaio, os vinhos escrivães das classes dominantes vaticinaram que por ser uma figura “que veio de baixo” e “popular” devido a seu desempenho no circo eletrônico como apresentador de TV, Abravanel, ou SS, ou Armando Corrêa, subtrairia da esquerda os votos do chamado povão. Podem ter calculado mal. Uma semana depois do lançamento de SS, a campanha da FBP tem registrado crescimento, ao passo que é visível a queda de Collor e Maluf, a estagnação de Covas e o afundamento de Afif. Isto talvez explique as razões da reação de Ermirio de Moraes.

Mas isso não explica tudo. No fundo da refrega entre nomes e siglas está a dificuldade de as classes dominantes brasileiras se unirem em torno de um projeto político único. Isto decorre da multiplicidade de interesses em jogo, da falência de projetos anteriores (a ditadura militar, a “Nova República”) e do falhanço de lideranças políticas, de velhos esquemas de alianças e de poder.

Agregue-se a isso o fato de a luta se dar no terreno eleitoral, institucional. O espectro da revolução social, embora sempre presente, não assomou a ponto de determinar uma atitude uniforme das nossas elites, que consideram, **ainda**, possível contorná-lo através de manobras e da institucionalização de um Estado neoliberal-conservador com acentuado viés autoritário.

Mas há outro aspecto notável, que compõe o pano de fundo da atual batalha sucessória. Ela reproduz com maior nitidez e num grau elevado o confronto histórico, e sempre atual enquanto não tiver desfecho, entre as forças mudancistas e emergentes da sociedade — a classe operária, o campesinato, as amplas massas populares e a pequena burgue-

sia progressista — e as forças contentoras, retrógradas, do imperialismo, da grande burguesia monopolista, dos latifundiários e dos donos dos grandes meios de comunicação, representadas no amplo espectro de partidos e candidatos do centro à direita.

Esta campanha redesenha com novas linhas e tintas o

perfil de velhas atitudes dos detentores do poder. Quando a confrontação entre o povo e as elites se torna nítida e as possibilidades de mudança se pronunciam com força, recorrem ao terrorismo psicológico, à fraude, ao engodo, às ameaças e pressões sobre o movimento popular. É nesse quadro que se inscrevem outros fatos recentes da campanha,

como a pregação anticomunista de Maluf, Caiado e Afif e as falsas acusações de corrupção envolvendo a Prefeitura de São Paulo, cujos titulares são ligados à Frente Brasil Popular. Hipocritamente os candidatos das elites, todos, sem exceção, derramaram na TV lágrimas de crocodilo pelo trágico episódio do deslizamento de terra na favela “Nova República” em São Paulo, imputando responsabilidade à prefeitura de São Paulo. Na passeata do dia 31 no centro da capital paulista, Erundina reagiu: “Foi um ato criminoso” dos donos do terreno, que logo se descobriu serem ligados ao candidato do PDS, Paulo Maluf.

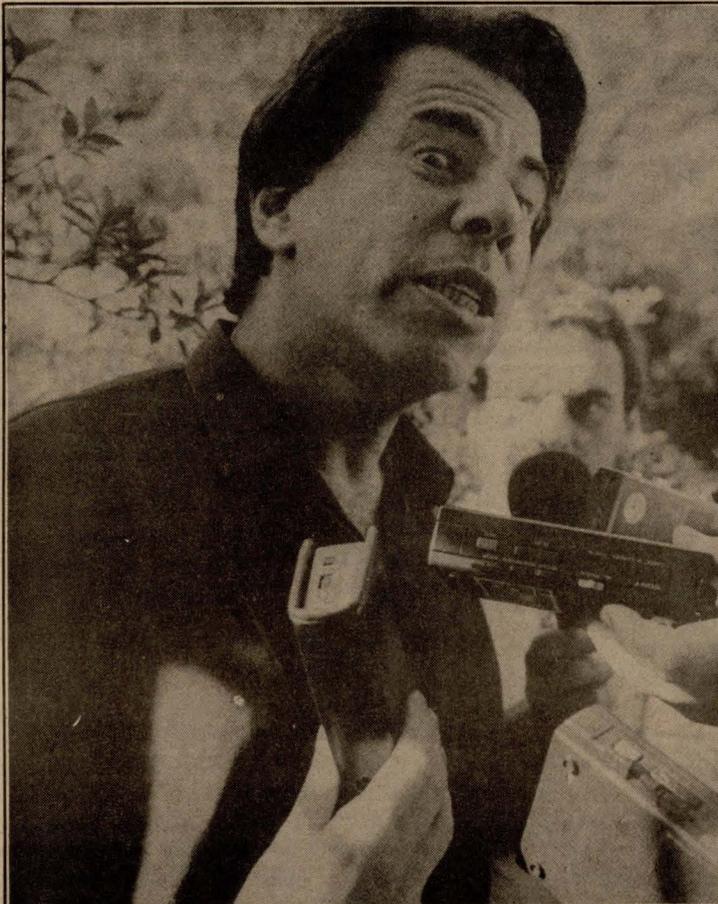
No pano de fundo está o velho confronto entre forças sociais opostas

Quanto às denúncias de corrupção, o rumoroso “caso Lubeca” iniciado pela aleivosia do arqui-reacionário Ronaldo Caiado, candidato da UDR, vai ficando evidente que se trata de uma entre muitas armações que os inimigos do povo vão fazer no intuito de evitar a vitória eleitoral da FBP.

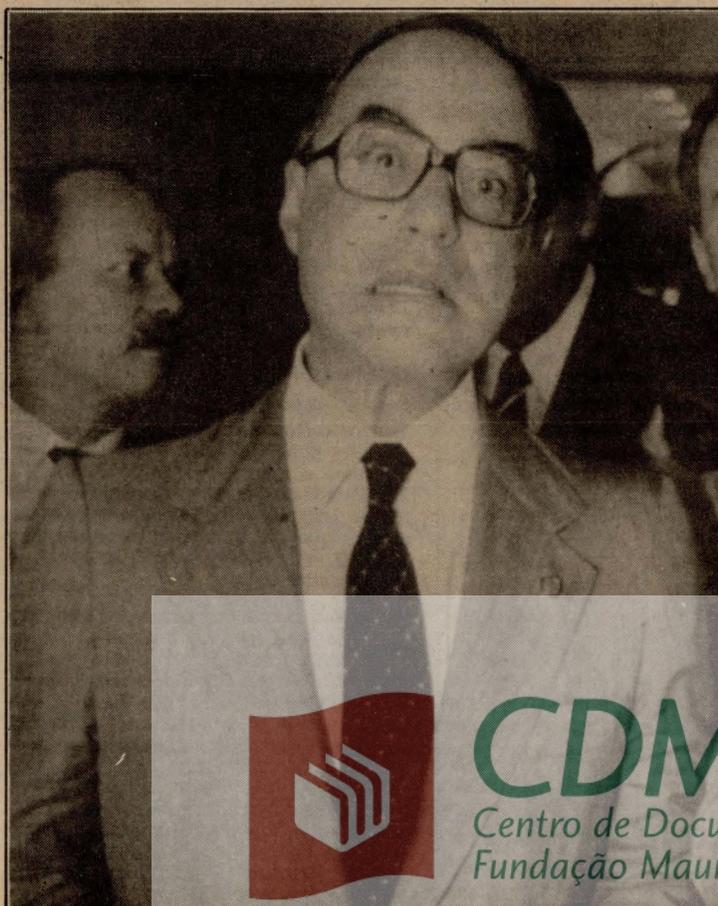
Corroborar a tese o fato de que as investigações policiais e contábeis para identificar o destino final do cheque de NCz\$ 900 mil emitido pela Lubeca se arrastam indefinidamente. Havia uma promessa do Banco Central de revelar o paradeiro do cheque até o dia 3 de novembro. No momento em que fechávamos esta edição (7 de novembro), nenhum fato novo tinha vindo à tona e as investigações policiais e bancárias prosseguiram a passo de cágado. Uma coisa se tem como certa, de acordo com declaração de dirigentes do PT e da Frente Brasil Popular: na campanha de Lula não entrou um centavo sequer por meios ilícitos.

As manobras políticas, campanha anticomunista e as falsas acusações não assustam os integrantes da Frente Brasil Popular. Não são marinheiros de primeira viagem, têm consciência de navegar uma nau de alto calado em mar tempestuoso. Nos momentos finais e decisivos da campanha sucessória a tendência é que a mobilização do povo fale mais alto que tudo. É o que explica que, apesar da saraijada de ataques de todos os lados, a candidatura da FBP tenha realizado comícios empolgantes com a participação de dezenas de milhares de pessoas em várias capitais.

*colaborou Moacyr Oliveira Filho, da sucursal de Brasília



SS declara que não tem programa nem entende de política.



Maluf reeditou a histeria anticomunista. Pretexto de atacar a democracia



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Apelo à mobilização popular

Chegamos à reta final da batalha eleitoral de 15 de novembro.

Confirmou-se o que afirmávamos no início da campanha, ou seja, que a disputa dar-se-ia entre as forças do povo organizadas na Frente Brasil Popular e os candidatos das elites dirigentes em distintas siglas partidárias.

Tornou-se claro que Collor, Maluf, Covas, Afif, Ulysses, Camargo, Aureliano, Caiado, e também Brizola, são representantes das classes que dominam o país há centenas de anos. Ficou também evidente que a defesa dos interesses do povo e da nação brasileira estava com a candidatura de Luís Inácio Lula da Silva. Ele é o mais forte concorrente ao primeiro e segundo turnos.

Mas a vitória popular não está ainda assegurada. Neste fim de campanha a disputa toma formas exacerbadas. Para os desesperados partidários da direita ou do centro-direita vale tudo. Temendo a derrota, jogam Silvio Santos no páreo. Tentam inflar o balão murcho de Covas. Incentivam a divisão da esquerda, com a candidatura Roberto Freire. Não vacilarão em recorrer a denúncias falsas visando

desorientar os eleitores.

Tudo isso exige vigilância e combatividade das forças do povo.

Dirijo-me à maioria da

população sofrida, aos trabalhadores da cidade e do campo, à classe média, aos estudantes, à intelectualidade democrática, às mulheres, à

juventude e, muito particularmente, à militância aguerrida da gloriosa legenda do Partido Comunista do Brasil no sentido de conclamar à mobilização total, à concentração de esforços, em prol da candidatura de Luís Inácio Lula da Silva. Precisamos não apenas de uma vitória, mas de uma vitória consagrada.

Não nos deixemos enganar. A união em torno de Lula e Bisol é necessária já no primeiro turno. O êxito no segundo depende de nossa união agora no primeiro turno. Dividir a esquerda é fazer o jogo dos poderosos.

A hora é de unidade e de luta conjunta. A campanha eleitoral deve se transformar numa caminhada patriótica e democrática para libertar o Brasil dos entraves que impedem o desenvolvimento independente e progressista da nação e dar ao país um governo democrático popular.

Todos às urnas contra as elites dirigentes. Votando em Lula, que representa a Frente Brasil Popular, a vitória será do povo!

João Amazonas
Presidente do Partido
Comunista do Brasil



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Collor, o menestrel bufarinheiro

Luiz Carlos Antero

O candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, vê com desespero seus índices despencarem nas pesquisas. À proporção que se evidencia a farsa montada pela Rede Globo e que vêm à tona os escândalos que protagoniza, Collor apela para a violência. Ele continua confundindo o Brasil com uma republiqueta.

Atônita e sem rumo, a fina flor do empresariado paulista realizou uma conturbada reunião na Fiesp e vaticinou: será Collor x Lula no primeiro turno. Entre outros, estavam lá Mário Amato, presidente da Federação; Ruy Altenfelder, do Moinho Santista; Abílio Diniz, do Pão de Açúcar; Olavo Setubal, do Banco Itaú; além de um séquito de políticos sem mandatos e sem cargos (Roberto Magalhães, Nelson Marchezan, Josaphat Marinho, Cirne Lima etc.) e de intelectuais e jornalistas, seus fiéis escudeiros no complicado panorama político. Não era o fato desejado, mas Fernando "Alicate" Collor havia ganhado aparentemente a corrida entre os candidatos da direita. Agora, seria relaxar e partir na direção do confronto com o candidato da Frente Brasil Popular.

No entanto, surgira um dado novo: Sílvio Santos, o repelente Senór Abravanel, ao perceber o declínio vertiginoso do favorito, resolvera contubar o já nebuloso processo eleitoral, lançando-se candidato a qualquer custo. Sob o risco de um segundo turno disputado entre Lula e Brizola, ficou estabelecido o consenso: apoiar Collor e torpedear Abravanel.

Simultaneamente, os grandes empresários monopolistas brasileiros, reunidos em Nova York, chegaram às mesmas conclusões sobre o primeiro turno e adiantaram uma outra profecia: Lula venceria o segundo. Paulo Francis, segurando o estandarte de portavozes dos trêmulos capitalistas, disparou de sua nova pátria (os EUA, onde se radicou voluptuosamente) o seguinte míssil: "pela primeira vez um torneio mecânico, dotado de curso primário, seria eleito presidente de um país semi-industrializado... Haveria uma maior paralisia da vida nacional, enquanto a sociedade resistisse às tentativas de Lula de transformar o Brasil em milhões de rocinhas de família nuclear; e se prevalecerem os assessores do PCdoB, é provável que as Forças Armadas intervenham". O trôpego jornalista previu ainda uma fictícia

"Volta Redonda tamanho família" como tributo eleitoral à consagração do candidato da FBP.

Mais cauteloso e revelando seus ídolos para a repórter Marília Gabriela (Kennedy e Gorbachev, "um capitalista comunista"), o poderoso banqueiro José Eduardo Andrade Vieira, do Bamerindus, indicou sua preferência por Collor, sem afetação explícita quanto aos resultados da disputa. E Francisco Resek, presidente do TSE, contrariou os sombrios prognósticos de Mário Amato: "os dólares já se evadiram para o exterior no governo Sarney; os empresários, tão bem tratados no período recente, não terão boa acolhida em nenhum país europeu... pelo menos como aqui".

Collor previu incêndio mas tudo indica que as labaredas o atingem

No entanto, alinhado na **pole position** do grande prêmio sucessório, Collor já vinha disseminando o terror como tática para unir a direita em torno de seu nome. Há cerca de um mês do dia D, ateou fogo na seara empresarial e alimentou as labaredas com muita gasolina: "Se o centro (leia-se a **direita**) não se unir, o Brasil vai se transformar, no segundo turno das eleições presidenciais, numa Roma incendiada". O apocalipse previsto pelo mestre dos bufarinheiros e marajá supremo do processo em curso, ressaltou os candidatos do PSDB e PCB, Mário Covas e Roberto Freire, como "a outra esquerda, competente e progressista", capaz de desequilibrar a balança dos votos em seu favor — segundo sua concepção. "Com o centro dividido, acabarão elegendo um candidato da esquerda burra, o capital vai fugir e haverá uma conflagração no país", vomitou.

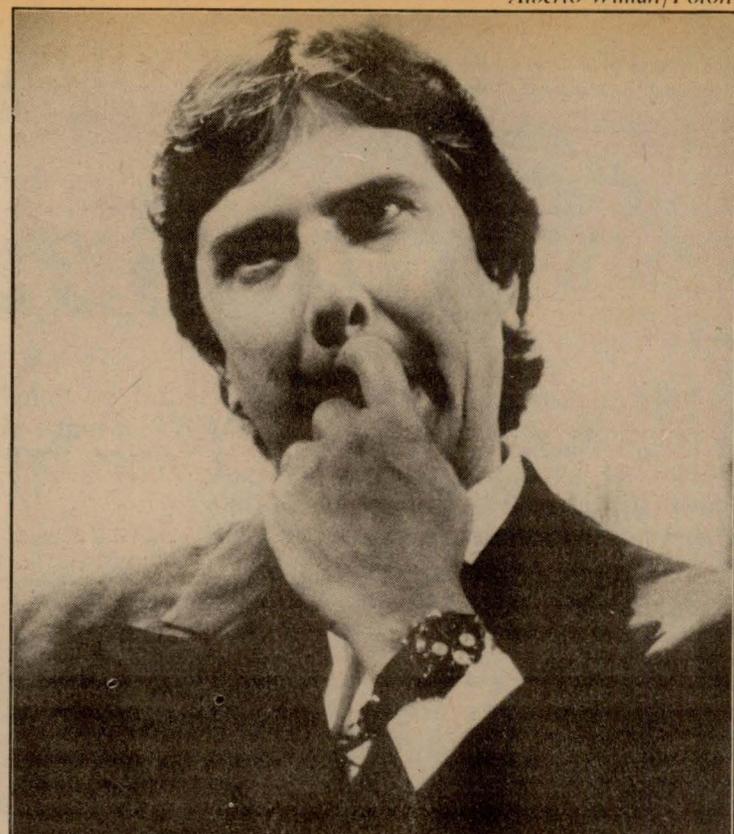
Mas, afinal, quem é este menestrel da burguesia mais virulenta e reacionária de que se

tem notícia em nossa história? A verdadeira avalanche de informações acerca deste personagem mesclado de péssimas e, ao mesmo tempo, variadas características, é assustadora. Levam a crer que seu perfil consegue unir o que há de pior num quadro das classes opressoras, reunindo as marcas de todos os corruptos impunes do regime militar à Nova República, o espírito parafascista dos piores inimigos do povo e a prática maquiavélica dos maiores criminosos da evolução da sociedade.

Filho de oligarcas, sempre fez arruaças e hoje vive de bravatas

Filho do conservador político alagoano Arnon de Mello, desde cedo ele manifestou uma predileção mórbida pela violência e perversidade em suas atitudes. No início dos anos 70, morando em Brasília no luxuoso apartamento de seu pai, atirou uma travessa de macarronada no rosto da cozinheira, por um fio de cabelo encontrado — cena presenciada por diversas pessoas convidadas, entre elas um costureiro homenageado e dois jornalistas. Noutra ocasião, arreventou com um pontapé a porta que o professor fechara para os retardatários. Esbofetou noutro momento uma moça que não quis namorá-lo, na pista de dança de uma discoteca. Com seus conhecimentos de Karatê, destruiu virtualmente uma boate freqüentada pela jovem elite brasileira, e, por suas pernas arqueadas, ficou conhecido como Fernando "alicate". Já como governador ameaçou quebrar um microfone defeituoso na cabeça de um funcionário.

Nesta campanha para presidente, ele demonstrou sua fúria com especial vigor. Em Ipatinga (MG), empurrou duas vezes o repórter Hélcio Zolini, após uma pergunta sobre a privatização de estatais como a Usiminas. Na mesma ocasião, deu uma cotovelada no nariz de uma jornalista local. Após empurrar violentamente o gravador de outro repórter de Ipatinga, puxou a orelha do jovem Nerivaldo de Almeida por que ouviu gritar "Lula". Na Ceasa de Belo Horizonte retrucou com o dedo médio erguido obscenamente, ao estudante Luiz Alexandre e ordenou que um segurança o agredisse. Depois,



Os poderes do candidato da Globo vieram à tona na campanha

perguntou apenas se havia fotos do incidente.

Collor é, portanto, o inspirador mor da violência do bando de facinoras que o segue, Brasil a fora, numa esquadilha de jatos milionária. Segundo um vereador alagoano, ele mantém no PRN, na qualidade de presidente do diretório municipal de Aracaju, personagens como o médico José Carlos Pinheiro, que participou de um grupo de torturas em 1976. As brigadas de Collor utilizam sistematicamente bombas de gás lacrimogêneo, que são privativas de uso militar, atingindo até mesmo simpatizantes do direitista Afif Domingos nas ruas de Viçosa (MG). O mínimo que acontece é o candidato manequim dar "banana" para militantes da FBP que entoavam "Brasil urgente, Lula Presidente", em Juiz de Fora. Em Uruguiana (RS), os seguranças de sua comitiva reagiram com socos, pernadas e gás contra brizolistas e ativistas da FBP, episódio que se repetiu em Viçosa. Como o gás não é comercializado, existem apenas duas origens possíveis: importação ou roubo da PM de Alagoas, à qual pertencem diversos membros do bando.

A "gang chinesa" fez o roteiro. Mas no filme de Collor só tem bandidos

A violência vem atingindo um clímax tal que em Ourinhos (SP), numa visita de Collor, seus "seguranças" investiram contra partidários da FBP, arrancando-lhes as bandeiras e iniciando uma luta campal na qual diversos cidadãos foram feridos a golpes de punho, pontapés e pauladas. Um grande entusiasta deste festival "Rambo" é o jornalista

Sebastião Nery, que está dispensado de seus serviços no Ministério da Cultura, onde tem status de marajá, para, segundo o titular José Aparecido, colher "um belo material sobre os aspectos culturais das eleições", acompanhando a caravana "collorida". Nery conta fascinado acerca de uma agressão em Uruguiana: "Foi uma porrada tão firme que o cara levantou no ar e caiu deitado. O segurança se jogou sobre o sujeito e arrancou a camisa dele, rasgada em dois pedaços. Uma cena de cinema. Era uma camisa do Brizola".

Quando, em 1987, num jantar de gala em Pequim, quatro casais brasileiros ergueram um brinde ao "futuro presidente da República", uma outra característica de Collor de Mello assomou. Naquele instante surgia a detestada "gang chinesa", batizada assim por Paulo César Farias, tesoureiro da campanha e hostil ao grupo (composto pelos líderes do PRN na Câmara Federal Renan Calheiros e na Assembléia Legislativa de Alagoas, Cleto Falcão, e por Cláudio Humberto Rosa e Silva, assessor de imprensa).

Roubos, estelionatos, tráfico de coca. Tudo isso e muito mais...

A "gang" bolou tudo: Collor retornaria ao Brasil não mais como "caçador de marajás" e, da visita oficial, pousaria candidato. Tudo saiu como no figurino e, numa entrevista, ele acusou Sarney — "um batedor de carteira da memória" — de ter tido a ousadia de formalizar uma imagem antigoverno, de acordo com o gosto do eleitorado. Defendeu os quatro anos para

Sarney e rebateu um relatório do SNI que o comparava a Goebbels e Al Capone, classificando seu chefe, o general Ivan de Souza Mendes, de "generaleco". Este recusou-se a recebê-lo, e ao ouvir um convite do ministro Costa Couto para ir ao seu gabinete, enceu para a imprensa reunida: "Não subo. Nesse palácio só tem corrupção".

Na Marquês de Sapucaí, em pleno desfile da Imperatriz Leopoldinense, entrou pela pista para cumprimentar a comissão de frente pelo enredo **marajás**. Ele estava apenas se divertindo; indiferente às brigas internas de sua campanha e às 31 acusações de irregularidades com processos movidos pelo Banco Central contra seu tesoureiro, continuou as fanfarras. Nem piscou quando Joanito Silva Genestra, responsável pelo escritório da campanha em Três Lagoas, foi autuado em flagrante com 36 gramas de cocaína, respondendo a mais de 35 processos por crimes de furto, estelionato e formação de quadrilha. E também não se preocupou em explicar o deslocamento ilegal de 39 oficiais da PM de Alagoas para trabalhar em sua segurança pessoal.

Elle se cercou dos maiores pelegos e já empenhou o Ministério

Partiu célere para cooptar sindicalistas de aluguel da qualidade de Luiz Antônio Medeiros e Antônio Magri, provocando inclusive ciúmada entre os dois — inimigos ferrenhos da candidatura da FBP. "Collor tem muita coisa em comum com o trabalhador", gritou Medeiros no auditório do Sindicato dos Metalúrgicos. "Defendo a participação dos trabalhadores nos lucros da empresa em meu governo", disse Collor, sem conseguir explicar por que nas empresas de sua família não se opera este fenômeno. Informado do ciúme de Magri, desfez-se de um abraço de Medeiros, dirigiu-se a ele amistoso e ouviu: "adorei seu programa com o Chicão (rio São Francisco) no vídeo". E, na CGT, formulou convite ao Magri para a elaboração de seu plano de governo, ocultando uma afirmação anterior de que Medeiros seria um nome "forte e viável" na pasta do Trabalho. Collor e Magri mantiveram ainda uma amistosa conversa, sucedida por um forte abraço entre dois lutadores de karatê.

Inescrupuloso e sem conteúdo programático, incapaz de formular soluções reais para equacionar os graves problemas do país, sobretudo por que isto não é de seu interesse, optou pelas trapaças e pelos jogos diversionistas. Subir no

palanque fazendo **mis-en-scène** no meio da multidão, em meio a uma parafernália acústica de conjuntos de rock e luzes, são recursos que servem para ocultar o fato único: o candidato é tão superficial quanto sua aparência exterior. Collor nunca fala mais que 20 minutos e, em média, fala cinco, repetindo invariavelmente as mesmas frases de efeito. Como candidato do poder econômico, pode se dar ao luxo de fazer brincadeiras de alto custo: utilizando um canal de satélite (Brasilsat 2), penetrou em 1 milhão de televisores com antenas parabólicas, em flagrante crime eleitoral. Outra pirataria descarada consistiu na oferta gratuita de mil fitas de vídeo sobre "o fenômeno Collor" às locadoras do Rio, São Paulo e Belo Horizonte. Certamente lançadas como "balão-de-ensaio" e estranhamente aprovadas pelo Concine (Ministério da Cultura), tais fitas foram apreendidas apenas parcialmente, por ordem judicial.

Collor foge dos debates, mas usa suas imagens para desgastar oponentes

Outra do bufarinheiro: não participa de debates na TV, mas utiliza as imagens para desgastar seus oponentes. Virou "herói de revista em quadrinhos", mas é bandido no livro "Collor — A Cocaína dos Pobres", do sociólogo mineiro Gilberto Vasconcellos, que declina o objetivo de sua obra: "auscultar a atualidade pela sintomatologia esquizofrênica, não sem às vezes colocar algodão nos ouvidos. Vasconcellos sublinha que "não existe relação de causa e efeito entre desenvolvimento democrático e aumento de ruído". E arre-mata: "o filósofo Tobias Barreto estava certo ao situar o homem banal brasileiro entre

o cachorro e o papagaio". O sociólogo foi até longe demais para caracterizar um trapaceiro que certo dia não saiu de casa porque a vidente mineira Neila Alkmin — ela negou a autoria — teria previsto um atentado para 28 de outubro. E o atentado não foi "visitá-lo"...

A maior despesa da campanha — 1 milhão por dia só de propaganda

Com uma superconta publicitária de NCz\$ 1 milhão por dia, o pernóstico candidato gastará mais que isso em São Paulo, somente para a renovação de 500 "collorettes" contratadas para distribuir adesivos pelas esquinas da cidade, a NCz\$ 43 mil diariamente. O pagamento às moças é feito pelo prefeito licenciado de Osasco, Francisco Rossi, que arrecada os recursos junto a "amigos empresários". Essas fontes já garantiram a impressão de 2 milhões de cartazes, 2 milhões de adesivos, 50 milhões de "santinhos" e o aluguel de 50 kombis com alto-falantes. O custo médio para a montagem de um comício atinge os NCz\$ 100 mil, incluindo lanches, bebidas, ônibus, senhas para bingo e shows. O apoio dos banqueiros é tão ostensivo que o juiz Paulo César Salomão, que fiscaliza a propaganda eleitoral no Estado do Rio, enviou um dossiê ao TSE contra a Associação dos Bancos do Estado de São Paulo, por abuso de poder econômico. Foram NCz\$ 55.920 mil para um anúncio de Collor no "O Globo", que saiu com o título "Pátria amada, abandonada salve, salve". Vem chumbo grosso: são 160 mil pessoas (pagas, lógico) para o trabalho de boca de urna e 40 milhões de cédulas eleitorais até 15 de novembro. E a banda Ultraje a Rigor "colloriu" por misedores NCz\$ 400 mil...



Uma despesa fantástica para promover uma imagem falsa

Um golpe contra o Legislativo para aprovar na marra as suas contas

Enquanto os crimes eleitorais se acumulam, a Assembleia Legislativa de Alagoas adia sucessivamente a votação das contas do governador Collor de 1987. Por quê? Ora, a Comissão de Orçamento propôs a rejeição com base nas irregularidades indicadas em auditoria do Tribunal de Contas estadual. Elas haviam sido aprovadas preliminarmente através de um expediente grosseiro: a Comissão não apresentou o parecer no prazo e o presidente da Assembleia, Francisco Mello, primo do candidato, nomeou um "relator especial". Quem? Aquele membro da "gang da China", deputado Cleto Falcão, hoje coordenador da campanha. O parecer, lógico, foi favorável.

Além das inúmeras denúncias ainda não apuradas, surgem frequentemente novas e mais "cabeludas". Em sua declaração de bens do mesmo ano de 1987, Collor de Mello omitiu a imensa herança paterna, com inventário já concluído: mansão em Brasília, cobertura duplex no Rio, chácara em Campos do Jordão (SP), terrenos no Rio, Brasi-

lia, Cabo Frio, Teresópolis, ações de estatais, cotas de emissoras de rádio e TV, da gráfica e do jornal "Gazeta de Alagoas", entre outros valores patrimoniais.

Um embusteiro feito de encomenda para cumprir os planos da burguesia

Os traços mais marcantes do perfil de Fernando "Alicate" desenham o personagem exato de um embusteiro profissional, o elemento certo para dar seqüência ao projeto da burguesia monopolista, dos grandes banqueiros, do imperialismo — manter e aprofundar o atual modelo econômico, com seus aspectos primários e de submissão incondicional ao FMI. Um Brasil saqueado e transformado num imenso cassino de livre e inconteste freqüência pelos maiores vilões do planeta. Como no filme "Luar sobre Parador", o clima de mistério e suspense criado artificialmente em torno do candidato manequim, poderia fazer dele um daqueles ditadores de qualquer república latina, descartável e substituível por qualquer ator de talento mediano — algo como um **double** com disposição física, a agilidade e habilitado em artes marciais. O caráter e a personalidade retratam a postura das classes dominantes e da pirataria internacional; o **double** repetiria apenas o que lhe fosse ordenado. Por isso, o fator Abravanel ("Silvio Santos vem aí") pode ainda causar sérios percalços na trajetória do decadente Collor, apesar da indignação dos empresários da Fiesp. Nada mais vulnerável do que algo que cresce e se desenvolve, na percepção do materialismo dialético. Collor, que atingiu os 45% nas pesquisas no início de setembro, sentiu o gelo derreter sob seus pés até aqui, sob o calor causticante da campanha da FBP. Seu eleitorado, que no início era urbano e informado, hoje se esconde nas regiões do país onde a desinformação é maior — nãoção de Orjan Olsen, diretor do Ibope, um instituto que apareceu tão comprometido com esta candidatura quanto o venal Vox Populi.



Violências e mais violências — esta foi a tônica da campanha collorista



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Roberto Freire foi elogiado por Amato. Uma simpatia gratuita?

Mário Simões *

A onda de novo socialismo ou socialismo renovado espalhou-se por todos os cantos do planeta. Aqui no Brasil o representante mais fiel destes "novos ventos que vêm do leste" é o chamado Partido Comunista Brasileiro, capitaneado pelo seu candidato a presidente da República, deputado Roberto Freire.

O "comunista bom", amplamente elogiado pela burguesia brasileira, tem seguido com fidelidade os passos do outro "comunista bom" da União Soviética. Segundo a nova concepção do PCB, expressa no documento "Um novo bloco para mais democracia e justiça social", a luta de classes não existe mais e a questão do socialismo não está na ordem do dia e mesmo o confronto entre direita e esquerda precisa ser abandonado. A disputa deveria ser contra os "conservadores". Parece que é a mesma coisa. Entretanto, neste ponto o discurso do PCB lembra a campanha do candidato anticomunista Afif Domingos, que, como o candidato Freire, fala do fim desses "conceitos superados" e elogia Gorbachev. Os três, aliás, dizem-se contemporâneos da modernidade.

PCB não é comunista

No interior do PCB está atualmente em curso a discussão sobre a mudança do nome do partido. Acabar com a legenda de "comunista" para adaptar-se aos tempos modernos. Segundo Jarbas Holanda, da executiva nacional daquele partido, o capitalismo brasileiro é "basicamente bom", e o PCB pretende constituir-se numa esquerda que tenha o papel de apoiá-lo nos próximos dez anos, "um tempo em que a esquerda atuará como uma parceira conflitiva da burguesia no desenvolvimento".

Modernidade é palavra-chave do debate interno do partido. "Quem é mais moderno, Bush ou Gorbachev?", pergunta Roberto Freire. Essa discussão do PCB já chegou às páginas dos grandes jornais e, conforme admite o secretário de organização do partido, Givaldo Siqueira, "estamos pensando o que é ser comunista, e que tipo de partido construir para o século 21".

Não é só Afif que quando quer atacar o "perigo vermelho" refere-se à candidatura da Frente Brasil Popular e poupa o PCB e seu candidato.



Em certas questões, o candidato do PCB pensa como Afif Domingos. Por isto, é afagado pelo presidente da Fiesp, Mário Amato

Os grandes empresários nacionais desmancham-se em elogios à "modernidade" do candidato Roberto Freire. Da mesma forma que os grandes imperialistas desmancham-se em elogios ao senhor Gorbachev. O mesmo Mário Amato que grunhiu ameaças contra a candidatura de Lula disse para Roberto Freire: "Continua sua pregação porque você está prestando um grande serviço ao país."

"Agradável surpresa"

Em jantar realizado recentemente em Brasília, Roberto Freire expôs suas idéias a um conjunto de empresários. Um dos maiores empresários do setor imobiliário em todo país, ligado à empresa Encol, sediada em Brasília, saiu desmanchando-se em elogios pela "surpresa agradável" que teve. Mais do que isto, prometeu reunir em sua residência para um novo jantar "70% do PIB de Brasília" para que Roberto Freire exponha suas idéias. Declarou-se também tranquilizado por saber que se Roberto Freire for presidente do Brasil ele não vai "acabar com a propriedade privada". A perestroika está aí para isto mesmo. Os exemplos são muitos. Qual o motivo de tanta euforia por parte da burguesia com a candidatura e as idéias de Roberto Freire e do outrora "partidão"?

Os afagos que a direita faz na candidatura Freire neste momento têm um motivo muito especial: a divisão das forças de esquerda na disputa do pleito presidencial. Este o serviço que ele vem fazendo, pelo qual foi elogiado por Mário Amato.

A candidatura Freire nasceu dentro do PCB já enfrentando resistências de militantes de São Paulo, Porto Alegre e Brasília, que defendiam uma coligação mais ampla com os setores da esquerda. Alguns defendiam explicitamente o apoio à Frente Brasil Popular. E vários estão hoje integrados na campanha da frente. Para projetar sua incipiente candidatura, logo no início, quando a direita partia para atentados terroristas, como a bomba no memorial aos operários assassinados pelo Exército em Volta Redonda, Roberto Freire propunha um pacto antiterror e foi procurar o presidente Sarney, procurando convencê-lo a integrar o pacto. Acenou inclusive para o apoio das Forças Armadas e outros setores que não só foram omissos no combate ao terrorismo como até o justificaram pelo "excesso de greves".

A candidatura Freire obteve igualmente um destacado espaço na grande imprensa e na mídia eletrônica, especialmente na Rede Globo, do empresário Roberto Marinho, com quem Freire reuniu-se logo no início da campanha. Uma revelação do candidato do PCB que muito alegrou foi a de que o nacionalismo é muito ultrapassado, destoante da "modernidade". Em debate com empresários, ele enfatizou que no início dos anos 60 seria nacionalista e já estaria errado, mas hoje compreendeu que tal posição não corresponde à realidade.

Sua posição sobre a dívida externa recentemente exposta no programa eleitoral na televisão é muito clara: "Vamos suspender o pagamento da dí-

vida externa. Não dizemos, como alguns (leia-se PCdB e Frente Brasil Popular) que esta dívida é impagável. Nós vamos pagar, só que não do jeito que eles querem. Vamos pagar dentro de uma nova ordem econômica, onde a base de troca não seja a exploração." Como é mesmo isso? Primeiro, acaba-se com a exploração imperialista, contrói-se o socialismo, depois paga-se a dívida externa. Na verdade, o fim da exploração já não é mais uma preocupação para os "comunistas bons". Afinal, o presidente do PCB, Salomão Malina, diz com todas as letras: "A idéia de que o lucro é crime não é comunista, é cristã." Outra pérola citada no jornal "Folha de S. Paulo" por Malina: "Para Marx, a burguesia era progressista." Só que o era da frase soa como é.

Divisionismo

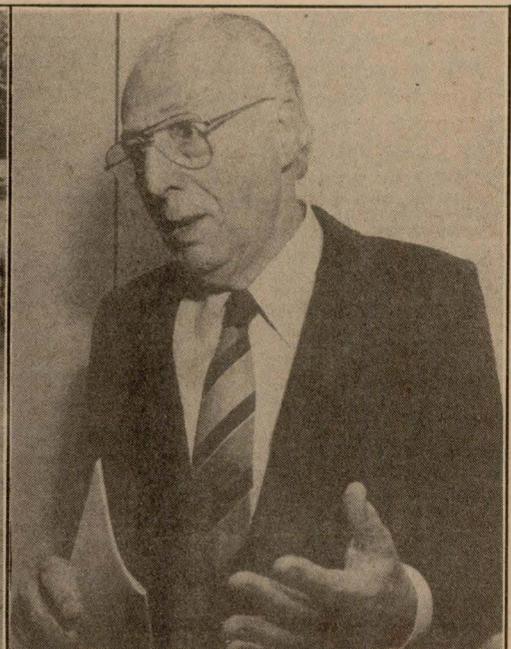
A posição de Freire e do PCB de dividir a esquerda não pode ser considerada um fato isolado, ela tem um claro caráter de classe, um caráter direitista e conservador. Em recente reunião de sua direção nacional, o PCB decidiu que não apoiava a candidatura da Frente Brasil Popular nem se houver perigo concreto de dois candidatos da direita irem para o segundo turno. Mais do que isso, o principal inimigo da candidatura Freire, segundo decisão do diretório nacional do partido, seria a candidatura de Lula. Em vez de atacar a direita, atacar a esquerda.

dos, um pronunciamento onde um dos pontos de maior destaque foi o combate ao voto útil. A condenação ao voto útil tem sido pregação constante de sua campanha, receoso do avanço da candidatura da Frente Brasil Popular nas suas hostes. Em Recife mesmo, onde registrava percentuais elevados de votos em comparação com outros Estados, já perdeu grande espaço para a candidatura Lula-Bisol. A unidade popular que está se dando pela base, junto à massa de trabalhadores, intelectuais, estudantes e outros setores da sociedade, incomoda sobremaneira Freire e o PCB. E mais que isso, restringe o seu espaço divisionista.

Esta é a questão central da campanha no momento. A unidade popular vai se dar pela base, pelo povo brasileiro que, cansado dos desmandos da direita reacionária, busca uma alternativa popular para governar os destinos do país. O momento é de intensificar a campanha e denunciar as atitudes divisionistas, derrotar as manobras da direita com a candidatura Silvio Santos e garantir, pela base, o avanço da candidatura da Frente Brasil Popular.

Se Freire e o PCB não estão dispostos a contribuir com a unidade popular, no segundo turno não lhes restará outra alternativa senão apoiar a candidatura de esquerda, sob pena de se desmascarar de vez frente à opinião pública e aos setores progressistas da sociedade.

* correspondente em Brasília



Brizola, reserva da burguesia

Paulo Torraca/Fóton

Carlos Henrique Vasconcelos*

O Brasil e em particular o Rio de Janeiro vivem, na atual campanha eleitoral, momentos decisivos em relação ao futuro. Um dos aspectos a destacar reside na manutenção ou no esfacelamento do trabalho populista capitaneado por Leonel Brizola. De inspiração socialdemocrata, o PDT de Brizola tem se caracterizado muito mais como uma das reservas das classes dominantes do que como uma alternativa eleitoral para as massas exploradas e o povo brasileiro em geral. Com discurso travestido de socialista, mas de conteúdo eminentemente capitalista, o candidato do "trabalhismo democrático" se vê diante de uma iminente derrota política que poderá selar de vez a sua sorte.

Sem espaço para crescer na classe operária, nos setores populares e entre os que compõem o campesinato, a candidatura de Brizola registra uma saturação que só poderia ser modificada com a realização de alianças no campo da direita, o que já faz. Mas isso ainda não foi suficiente para que a candidatura do caudilho decolasse. Agora ele faz pregação pelo "voto útil da esquerda", mas isso também parece inexecutável, pois o voto da esquerda tende a se concentrar no candidato da Frente Brasil Popular, Lula.

O povo amadureceu e quer votar em idéias, mas Brizola não tem

A evolução do debate político, a paulatina (mas constante) conscientização política do povo e a grave situação por que passa o país, são questões presentes na atual conjuntura brasileira e que remetem ao teor das propostas de governo dos candidatos a decisão de em quem votar. Nesse sentido, como o candidato pedetista carece, em seu programa, de propostas que apontem para a solução dos graves problemas da nação e, pior, retoma proposições ultrapassadas e mesmo as de governos da ditadura militar, sua situação tende a piorar cada vez mais.

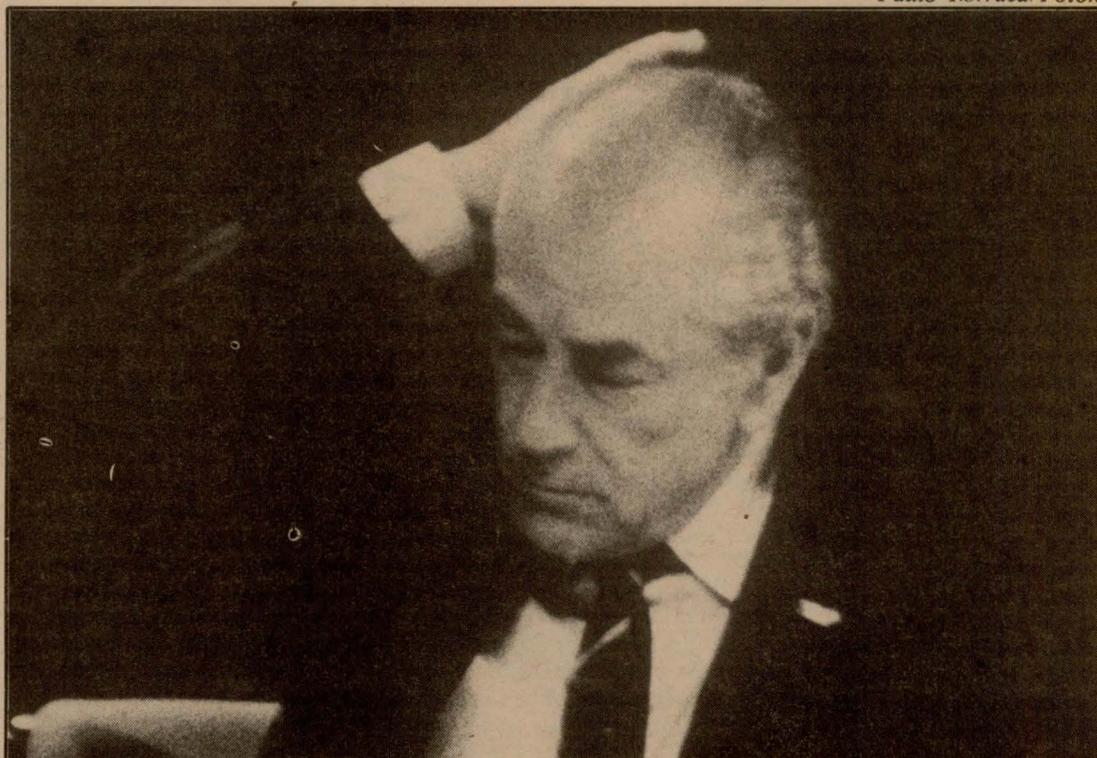
Brizola tenta sustentar-se numa imagem criada no período pré-64, quando defendia teses nacionalistas e propunha a reforma agrária. Era o período em que o centro da pregação da burguesia nacional, a quem se vinculava, eram as chamadas reformas de base. Durante seu exílio no Uruguai, nos Estados Unidos e em Portugal, Brizola tratou de forjar a imagem de perseguido, ao tempo em que intensificava contatos com a socialdemocracia europeia.

Quando retorna ao Brasil, Brizola faz um discurso moderado, procurando reabilitar-se diante dos militares. Chegou mesmo a propor, em 1983, a prorrogação do mandato do general-presidente João Figueiredo e posicionou-se contrário à apuração dos crimes da ditadura.

Brizola montou seu projeto político no Rio de Janeiro, onde imperava o chaguismo (populismo de direita comandado pelo então todo-poderoso governador Chaga Freitas — MDB, depois PMDB). Como as forças progressistas estavam abrigadas no PMDB, por força da ditadura vigente, o brizolismo se apresenta ao eleitorado fluminense como alternativa política de esquerda, ocupando precioso espaço político, que se tornou terreno fértil para o seu desenvolvimento.

O trabalhismo de Brizola é anteparo ao comunismo e à esquerda em geral

Acompanhando a "modernização" da burguesia brasileira e aprofundando sua perspectiva socialdemocrata, Brizola passa a defender mais abertamente o capitalismo. Adota o "trabalhismo" como anteparo ao comunismo e outras forças de esquerda. Um exemplo característico da nova fase política do dirigente do PDT consiste na mudança de referencial em nível internacional. Antes do golpe militar, Brizola exaltava o exemplo da revolução cubana, enquanto que atualmente defende o modelo capitalista dependente da



Os debates constroem Brizola. Falta de idéias

Austrália, apresentando-o como paradigma a ser seguido.

O reformismo das teses defendidas pelo trabalhismo de Leonel Brizola se apresenta agora, na campanha sucessória, com um nítido viés conciliador. E uma verdadeira guinada à direita no conteúdo das propostas e até no discurso. Obrigado a expor seu programa de governo com clareza, o que evita fazer, Brizola se sente acuado, pois sabe que o eleitorado quer uma mensagem que aponte para a solução dos graves problemas nacionais.

Em vez de reforma agrária, defende um projeto de colonização, semelhante ao proposto pelo general Figueiredo no último período da ditadura militar. Em relação à dívida externa, dispõe-se a prosseguir com

a sangria dos recursos nacionais para o exterior, dizendo que não passará o "calote" e referindo-se vagamente às "perdas internacionais". Sua política de alianças contempla velhas oligarquias do Nordeste, reacionárias e latifundiárias, como Adauto Bezerra, no Ceará, a família Maia, no Rio Grande do Norte e o ex-governador da Paraíba e atual prefeito de João Pessoa, Wilson Braga, entre outros.

No campo sindical, Brizola se aproxima de traidores da classe operária, como o arqui-pelego Luiz Antônio Medeiros, que alça vôos em direção a Collor de Mello, numa clara demonstração de quanto é oportunista. Lembre-se que Brizola chegou a convidar Luiz Antônio para ocupar a vice-presidência em sua chapa.

Arquivo

Há sinais evidentes de esvaziamento eleitoral do caudilho e do PDT

Utilizando-se de uma postura demagógica e populista, durante o período em que governou o Estado do Rio de Janeiro (1982 — 1986) e hoje, com a administração do prefeito carioca, Marcelo Alencar, Brizola investiu de forma localizada e fazendo grande alarde propagandístico, em determinados núcleos habitacionais a fim de manter a influência do seu grupamento político e de sua liderança pessoal.

Mas desde a eleição municipal passada, já há sinais de que não está fora de cogitação um processo de estagnação ou mesmo reversão da influência do caudilho. No caso do Rio de Janeiro, percebe-se que o PDT ganhou as eleições em apenas uma região da capital (Zona Oeste), perdendo nas demais para o PT. Na atual campanha, com a intensificação do debate político e a novidade introduzida com a formação da Frente Brasil Popular, pode-se adiantar que está ocorrendo um reordenamento político de grandes contingentes da opinião pública carioca, prevendo-se novos tempos para a realidade política do Estado.

O brizolismo defronta-se com uma situação própria do grau de acirramento das contradições por que passa a sociedade brasileira, que se reflete de maneira aguda no Rio de Janeiro. Incapaz de responder às grandes questões de interesse do povo, essa vertente da socialdemocracia, com o debate eleitoral, vai aos poucos se desmanchando perante a classe operária e o povo em geral.

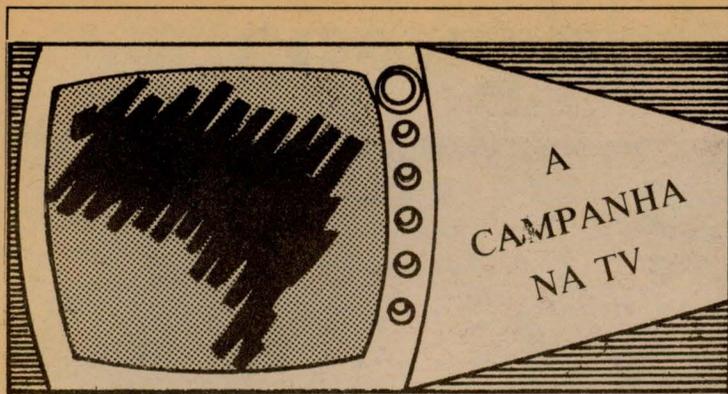


Lágrimas. Pressentimento da derrota



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

*da equipe de articulistas —
sucursal RJ



O povo já sabe quem é quem

Plínio Lins*

Deixando de lado as aborinhas e disparates dos diversos marronzinhos e pedreiras que entraram na televisão por excesso de generosidade da lei eleitoral, o horário gratuito do TSE, no geral, foi útil para o eleitor.

Serviu, por exemplo, para desmascarar algumas das falcatruas de Collor de Mello, em Alagoas, desvendar seu passado político e denunciar o tipo de gente que o cerca. Desfez o mito de que Brizola é imbatível em comunicação via TV. Derubou, em poucos dias, o engodo Afif Domingos. Serviu, do mesmo modo, a toda espécie de ataques baixos, à indústria do anticomunismo personificada em Maluf e Afif, às tentativas de semear confusão e criar falsas polarizações.

Em todo esse bombardeio de informações e pregações políticas, não há como negar que a mensagem da Frente Brasil Popular se destacou exatamente por escapar à autolouvação e entregar ao povo a tarefa de separar a candidatura de Lula da geléia geral que embolou as demais.

Os dez minutos diários da Frente Brasil Popular tiveram duas marcas principais: intimidade com o telespectador, e a conseqüente credibilidade. Com linguagem sincera e formas criativas, estabeleceu-se a empatia com o público e acabou-se conseguindo a separação dos campos, a identificação do "lado de lá", o das elites, e o "lado de cá", o do povo.

Este foi o objetivo, desde o início — e era precisamente isso que os 82 milhões de eleitores busca-

vam: saber quem é quem.

Se a eleição será, de fato, decidida a partir das mensagens dos candidatos no horário gratuito de TV, significa que a polarização final se dá entre aqueles que acreditaram na sua própria performance para levar o povo a engolir a imagem que venderam, e aqueles que, ao contrário, acreditam na capacidade do povo de questionar, desconfiar, comparar e discernir para decidir.

A campanha da Frente Brasil Popular apostou e confiou no povo, e a resposta foi o crescimento de Lula.

Não é à toa que as diatribes anticomunistas de Maluf e Afif contra a Frente tiveram como resposta a indiferença e até o repúdio do eleitor: partindo de gente desse tipo, a calúnia vai para o seu devido lugar. O telespectador soube enxergar a flagrante hipocrisia que havia na orquestração de ataques à candidatura de Lula: quando aquele que ataca não tem moral, o ataque bate e volta.

O lançamento de Silvio Santos na última semana de propaganda na TV é a derradeira tentativa do sistema dominante. O desmascaramento da manobra já está nas ruas. A denúncia firme da tramóia, a intensificação da militância da Frente na busca do voto consciente, o trabalho entusiasmado na boca de urna, levarão, com certeza, o povo a se unir no momento final, e o golpe acabará se voltando contra seus autores.

* da equipe de articulistas

As elites também apostam em Covas

Arquivo



Covas, a última carta do centro, beneficia-se do desconsolo de Ulysses e recebe apoios do "Centrão"

Já na reta final da campanha presidencial, as forças que se situam ao centro do aspecto político brasileiro empreendem desesperadas manobras para viabilizar a entrada de um candidato do seu time no segundo turno. Elas entraram em campo divididas e seriamente ameaçadas de exclusão do processo pela forte polarização das preferências eleitorais entre esquerda e direita. Agora verifica-se a tentativa de uma derradeira cartada, de união, senão de todos, ao menos de uma parte expressiva, em torno do candidato Mário Covas, do PSDB, que nas pesquisas, está melhor colocado que seu companheiro Ulysses Guimarães, do PMDB.

Um bom número do governadores do PMDB, tendo à frente Álvaro Dias, do Paraná, mostra-se propenso a abandonar de vez a canoa furada em que se transformou a campanha de Ulysses Guimarães, para apostar em Covas. Aliás, este já conta com o apoio de Tasso Jereissati, governador do Ceará, e promoveu outros estragos nas desestimuladas fileiras peemedebistas. Levantou-se até a hipótese de Ulysses, recentemente elogiado por Covas no programa eleitoral de televisão, vir a renunciar em favor do tucano, mas tal iniciativa esbarrou na resistência do próprio candidato do PMDB, além de sua mulher dona Mora, e do governador de São Paulo, Orestes Quércia.

À direita

As articulações de última hora em torno de Covas confirmam a tendência, perceptível já no início da campanha, de progressivo deslocamento da candidatura tucana do centro, ou com certo favor do centro-esquerda, em direção à direita. Se observarmos o perfil de alguns personagens (em sua maioria oriundos do PMDB) que estão se movendo para o lado do concorrente do PSDB, não será difícil constatar a conformação de um quadro de forças em torno de Mário Covas bem mais conservador do que os fragmentos do PMDB ainda fiéis a Ulysses Guimarães.

Por esses dias o tucano recebeu o apoio dos "moderados" do PMDB goiano, inclusive seis parlamentares liderados pelo ministro da Agricultura de Sarney, Íris Resende. No Pará os políticos chefiados pelo ministro da Previdência, Jáder Barbalho, anunciaram na última semana a disposição de aderir a Covas. Lembremos que os dois ministros citados, ambos envolvidos em denúncias de corrupção, foram proibidos pela coordenação da campanha de Ulysses e Waldir Pires de subir nos palanques durante os comícios do PMDB enquanto permanecerem no ministério do atual governo.

Mário Covas conta também com a simpatia e, em boa medida, o apoio de outros "moderados" peemedebistas que na Constituinte integraram-se às reacionárias fileiras do "Centrão" e, em conseqüência, foram marginalizados e afastados da campanha de Ulysses. De quebra, o candidato do PSDB ganhou a adesão de três outros ministros de Sarney: Mailson da Nóbrega, da Fazenda; João Batista de Abreu, do Planejamento e Dorotheia Werneck, do Trabalho. É ingavelmente elevada a porcentagem de personalidades do primeiro escalão do atual governo que decidiram tucanar. Tal atração se explica pelos olhos nos olhos de Covas?

Um "neoliberal"

Na verdade, são muitas as semelhanças ideológicas e programáticas entre o candidato do PSDB, os "moderados" do PMDB e o ministério de Sarney. Mário Covas é hoje um defensor das idéias do chamado neoliberalismo, embora prudentemente acanhado.

No último debate entre os candidatos realizados pela TV Bandeirantes, o tucano defendeu a privatização das estatais e uma ainda maior internacionalização da economia, através da atração de novos investimentos do capital estrangeiro para o Brasil. Em relação à vida externa, a posição principal do seu correligionário e ex-ministro da Fazenda de Sarney, Bresser Pe-

reira, de securitizar a dívida incorporando o deságio do mercado secundário — uma idéia já discutida em 1987 com credores e fracassada, que prima pela aparentemente ingênua ignorância de que, neste assunto, ou se adota uma medida corajosa e unilateral ou se dança, em infundáveis negociações e renegociações, conforme a música dos agiotas.

Tais idéias e posições colocam a candidatura do PSDB no embolado campo do time que luta desesperadamente em defesa do status quo e dos interesses maiores das elites dominantes. E por isto é também um dos preferidos pela grande burguesia, em particular por Antonio Ermírio de Moraes, assim como recebe parte dos favores da poderosa Rede Globo, majoritariamente dedicados a Fernando Collor.

Oscilação

Há poucos dias, em conversa com Covas, o industrial Antonio Ermírio exigiu do tucano maior vigor e clareza na defesa dos interesses das classes dominantes brasileiras. A exigência, neste caso, é demasiada. É bem verdade que o candidato do PSDB fez vários acenos nesse sentido, mas compreensivelmente claudica durante a campanha.

Esta vacilação tem fortes motivos. Em primeiro lugar o próprio senso de oportunidade de Covas, numa campanha em que é visível o crescimento da esquerda, desaconselha uma guinada explícita à direita. Em segundo lugar, o PSDB possui parlamentares e bases comprometidas com propostas democráticas e progressistas, cuja resistência responde pela troca de vice (do direitista Roberto Magalhães por Almir Gabriel) e o pouco empenho de Covas em propagandear seu discurso sobre "choque de capitalismo" que, ao que dizem, lhe teria sido inspirado por Roberto Marinho. Alguns setores de esquerda do PSDB já estão enxergando o caráter conservador da candidatura de Covas e tendem a pular para a Frente Brasil Popular.

(Umberto Martins)

Todos com Lula-lá!



sista e mais vivo na classe trabalhadora brasileira. O programa da frente vai desencadear grandes movimentos de massa por um país sadio onde os oprimidos terão vez.

Maurílio Ferreira Lima (deputado federal PMDB-PE)

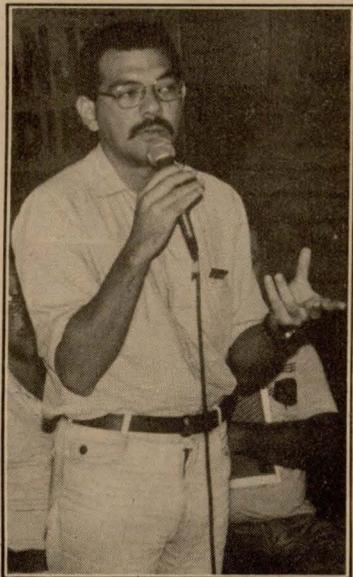
A candidatura Lula é um referencial do Brasil sadio, com um discurso que mobiliza os brasileiros dispostos a lutar contra o vale-tudo.

Vasco Alves (prefeito de Cariacica, ES, pelo PSDB)

Vou votar em Lula. Porque Lula representa a mudança.

Jair Meneguelli (presidente da CUT)

A Frente Brasil Popular vai mostrar que é possível recuperar a economia sem penalizar os trabalhadores, adotando antes de mais nada a suspensão do pagamento da dívida externa e elevando os salários reais.



Sérgio Barroso (secretário geral da Corrente Sindical Clássica)

Temos diante de nós a preciosa possibilidade de derrotar nas urnas as elites governantes que conduziram o Brasil a uma encruzilhada histórica, enfrentar o imperialismo e conquistar um governo realmente democrático e popular. O voto em Lula é o voto contra as elites dominantes, é o voto da esperança do povo trabalhador brasileiro.

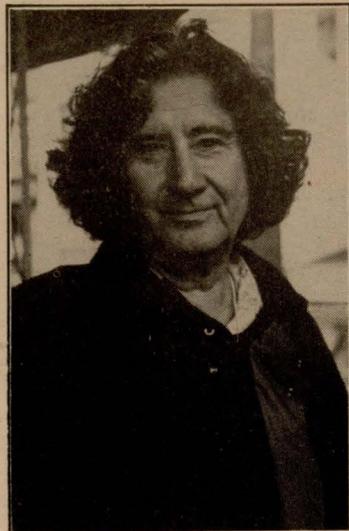
Divino Goulart (presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Goiás-Fetaeg)

Apóio a Frente Brasil Popular por entender que ela tem melhores propostas e o programa que permitirá a superação da crise que atravessamos.

Waldemar Souza (vice-presidente da UNE)

Lula corresponde aos anseios da juventude que quer trabalho, viver bem; e só uma ordem econômica avançada per-

mitirá a satisfação desses anseios.



Augusto Boal (diretor e autor de teatro)

Pela primeira vez na história existe a possibilidade real de o povo eleger alguém que é povo. É por isso que estou fazendo o possível para ajudar a eleger o Lula. Acho que a Frente Brasil Popular é o prenúncio de uma unidade maior das forças progressistas para promover mudanças radicais no Brasil.

Manoel Rangel (presidente da UBES)

A UBES defende um programa de cinco pontos na sucessão presidencial: suspensão do pagamento da dívida, reforma agrária, fim do militarismo, ensino público e gratuito e preservação da Amazônia. Particularmente acredito que o único candidato que defende estes cinco pontos é Lula.

Revilson Brito (coordenador geral da União da Juventude Socialista)

Entendemos que Lula é o único candidato realmente comprometido com os anseios da juventude, realmente comprometido com a construção de um Brasil novo, onde o povo tenha o direito de ser feliz.



Antônio Santos do Carmo (presidente da Unegro-BA)

Apóio a candidatura Lula e o programa da Frente Brasil Popular pois sinto neles contempladas, no conjunto das lutas democráticas do povo brasileiro, as reivindicações dos negros pela igualdade racial e social.

Jô Moraes, presidenta da União Brasileira de Mulheres

A campanha demonstrou que somente a candidatura de Lula assumiu compromissos com a causa da mulher. Por isso, Lula conta com o apoio da maioria da militância feminista do país.

Elizabeth Teixeira, do Conselho de Direitos Humanos da Paraíba, viúva do histórico dirigente das Ligas Camponesas, João Pedro Teixeira.

Apóio Lula porque ele representa os trabalhadores de nosso país. Os trabalhadores rurais esperam dele a reforma agrária e melhores condições de vida no campo.



Lucélia Santos (atriz)

A Frente Brasil Popular é a única que tem um programa para disputar as eleições. Um programa comprometido com a verdade e com os anseios de nossa gente. Por isso, estou com Lula.

D. Mauro Morelli, bispo de Caxias e São João do Meriti

A candidatura de Lula é que melhor responde aos caminhos que o Brasil deve percorrer. Nenhum partido sozinho pode esgotar as necessidades do país, mas o projeto da Frente Brasil Popular é o que mais dignifica o trabalhador brasileiro.



Betti Faria (atriz)

Estamos escrevendo a "nova" brasileira com esperanças. Eu bato palmas à união das esquerdas. Essa união e a candidatura de Lula representam o fato mais novo. Sua proposta é nova, seu programa é o melhor.

Cristina Pereira (atriz)

Os melhores talentos da classe artística brasileira estão com Lula e a Frente Brasil Popular. Nossa adesão a essa

candidatura é efetiva. Sonhamos com uma mudança radical na sociedade. A candidatura Lula é a nossa chance para iniciar essa transformação histórica.

Ester Góes (atriz)

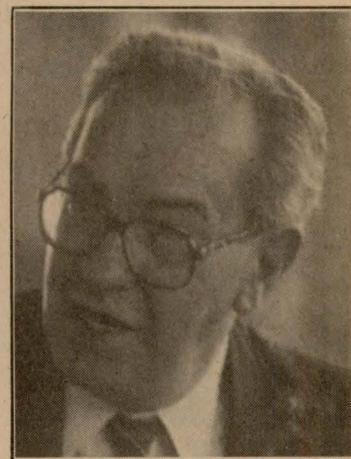
Temos o melhor candidato, o Lula. E ele vai para o segundo turno.

Carlito Maia (publicitário)

Acho que dia 15 de novembro de 1989, quando a República dos herdeiros da monarquia comemora 100 anos, o Lula vai proclamá-la República Popular Brasileira.

Osmar Prado (ator)

Sem a participação do povo unido, o país jamais poderá dar início às transformações sociais de que necessita. A eleição de Lula faz parte desta grande caminhada do nosso povo.



Waldemar Souza, presidente da OAB

Certo de que os tempos novos estão à vista, fiz a minha opção. Votarei em Lula. Lula-lá. Mais do que um ato pessoal de preferência, este é um ato político, com a decisão sobre as relações entre povo e governo. Mas, ouço: o candidato só tem o terceiro ano primário; falta-lhe competência e experiência. A objeção, preconceituosa e elitista, tem filiação definida — a tecnocracia que massacrrou o povo, com todos os requintes de perversidade. Deixemos, desde logo, de hipocrisia. O título universitário vale pouco ou nada. Na melhor das hipóteses, é um guia ao autodidata, mais nada, rigorosamente mais nada. Qual a experiência que lhe falta? A de trabalho não é.

Nós não vamos eleger, a 15 de novembro, um empresário-mor, um concessionário-mor de televisão, um político-mor, nem um capitão-mor, com toda sua herança colonial. Nós estamos convocados a eleger um líder nacional, que seja, não um herdeiro do processo criado pela mídia, mas um representante nosso, sem mistificação e mentira publicitária. Lula-lá.

São Paulo pelo PT

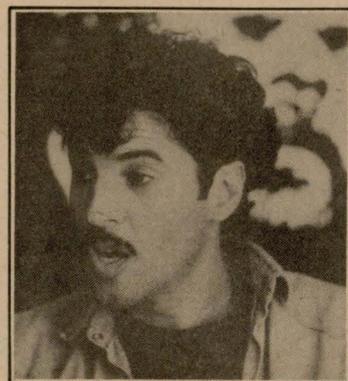
Acredito que possa se repetir o efeito extraordinário de 1988 ocorrido em São Paulo com a vitória dos partidos do povo. Agora em nível nacional, com a Frente Brasil Popular e a candidatura do operário Lula. Isso representa um grande passo histórico para a libertação do povo brasileiro.

Haroldo Lima (líder do PCdoB na Câmara)

A Frente Brasil Popular e as candidaturas de Lula e Bisol têm um caráter estratégico na luta contra as classes que hoje dominam o país e seu regime caduco e decadente.

Jamil Haddad (presidente do PSB)

Pela primeira vez na história do Brasil temos um candidato oriundo da classe operária e lançado por uma frente de partidos progressistas. Desta vez as elites não conseguirão enganar ao povo.



Paulo Betti (ator)

Os partidos da Frente Brasil Popular são a nata, os melhores, a locomotiva pensante da esquerda brasileira. Os artistas de televisão, que geralmente levam o sonho às pessoas, têm a responsabilidade de pensar nesta campanha presidencial comprometidos somente com a verdade. Por isso, muitos de nós estão com Lula.

Luís Gushiken (presidente do PT)

A Frente Brasil Popular aglutina o que há de mais progres-

A opção retrógrada dos empresários

Uma reunião entre líderes nacionais dos grandes empresários, e declarações cada vez mais enfáticas feitas por eles na imprensa, permitem identificar com clareza as estranhas propostas com que a burguesia pensa em tirar o país da crise

Os grandes empresários brasileiros se opõem a qualquer ação efetiva contra a dívida externa, que implique em enfrentar os credores internacionais do país. Eles defendem abertamente a internacionalização mais profunda da economia brasileira. "Exigem" do futuro governo "respeito" às enormes transferências de renda de que se beneficiaram nos últimos anos, através do recebimento de juros da dívida interna. Simpatizam com diversos candidatos, mas prepararam-se para recorrer ao "voto útil", a fim de impedir a vitória do candidato da esquerda, que reconhecem ser Lula. Prepararam-se desde já para resistir a qualquer mudança no modelo de desenvolvimento, no caso da vitória do operário que concorre pela Frente Brasil Popular. E, talvez saudosos de um passado não muito remoto, alguns deles chegam a tecer calorosos elogios aos militares, e particularmente à ação que culminou com o golpe de 1964.

No Maksoud Plaza, os dez empresários mais votados por sua classe

Estas são as conclusões que se podem extrair não só de declarações-cada vez mais explícitas feitas por representantes da burguesia brasileira nos últimos meses mas também de uma reunião realizada no Hotel Maksoud Plaza em S. Paulo no dia 31 de outubro, entre empresários eleitos por seus pares como "líderes nacionais" da classe.

A eleição dos "líderes" foi patrocinada pela revista "Balço Anual", do grupo "Gazeta Mercantil". Há treze anos ela promove uma consulta envolvendo milhares (13.629 este ano) de empresários de todo o país, através da qual é possível identificar os dez indivíduos que melhor encarnam o pensamento da classe. Em seguida promove um encontro entre os eleitos. Embora formalmente trate-se de uma simples "homenagem", é comum que estas reuniões assumam caráter nitidamente político, o que voltou a ocorrer este ano.

Mário Amato, o que previu fuga em massa, eleito "líder do ano"

Os escolhidos de 1989 são, sem exceção, homens ligados ao grande capital monopolista, ou identificados claramente com as teses que este setor defende. O grande vitorioso foi, significativamente, Mário Amato, principal acionista do Grupo Springer e de diversas outras empresas, presidente da Fiesp e responsável pela declaração segundo a qual cerca de 800 mil empresários deixarão o país no caso da vitória de Lula em 15 de novembro. Atrás de Amato vieram, pela ordem, Olacyr de Moraes, o maior produtor de soja do mundo; José Eduardo Andrade Vieira, do Banco Bamerindus; Ozires Silva, que preside a "Convergência Democrática", uma frente empresarial voltada para a ação política conservadora; Guilherme Afif, acionista da Indiana de

Seguros e ex-presidente da Associação Comercial de S. Paulo; Abílio Diniz, do Grupo Pão de Açúcar; Roberto Marinho, da Rede Globo; Luiz Carlos Mandelli, presidente do Grupo DHB e da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul; Amador Aguiar, principal acionista do Bradesco; e Wolfgang Sauer, presidente do Conselho Econômico da Autolatina.

Também foram homenageados na mesma reunião Antonio Ermírio de Moraes, Olavo Setúbal, Cláudio Bardella, Jorge Gerdau e José Mindlin. Eles já foram eleitos mais de dez vezes como "líderes empresariais", e por isso não participam mais das votações anuais, passando a constituir o que a "Gazeta Mercantil" chama de "Conselho de Líderes Permanentes" dos empresários.

Sucessão presidencial polariza o debate, e domina o encontro

A sucessão presidencial e o papel exercido por ela na encruzilhada histórica com que o país se defronta foram os temas que dominaram todos os pronunciamentos. Eles revelam com nitidez cristalina que a grande burguesia repele ostensivamente qualquer alteração substancial efetiva no modelo de desenvolvimento que levou o Brasil ao desastre. E que a "mudança" apregoada por ela equivale na verdade a um *aprofundamento* dos aspectos mais perversos deste modelo.

O posicionamento em relação à dívida externa é um claro demonstrativo disso. Ela obrigou o país a remeter ao exterior, só no governo do presidente Sarney, 65 bilhões de dólares, o que sufocou os investimentos internos e trans-

formou os anos 80 numa "década perdida" para a economia nacional.

Mas a grande burguesia, que mantém negócios cada vez mais volumosos e rentáveis com seus parceiros externos, é incapaz de enxergar esta realidade dramática. "A dívida externa não representa a catástrofe que alguns pintam", afirmou José E. Andrade Vieira, do Bamerindus. Sem compreender que desde 1980 uma mudança no fluxo internacional de capitais fez que cessassem os próprios empréstimos aos países do chamado "terceiro mundo", ele sonha em fazer com os credores "um acordo que viabilize a vinda de novos capitais, para gerar caixa e dar condições para a retomada do desenvolvimento". Para concretizar tal objetivo sugere a concessão de facilidades ainda maiores para o capital externo. E diz, numa frase que vale menos por sua inconsistência estatística que pelas intenções que revela: "Quatro ou cinco estatais valem metade de nossa dívida".

Abrir o país não só ao capital, mas também a produtos estrangeiros

A opção por relaxar as barreiras ao capital externo fica evidente também nas declarações de Olavo Setúbal, do Banco Itaú. Ele declarou abertamente que "é irrealista imaginar que a renegociação pode ser diferente do padrão mexicano", referindo-se por certo ao acordo feito recentemente entre aquele país e seus credores, e que implicou em abrir de forma inédita a economia aos investimentos estrangeiros.

Alguns líderes empresariais chegam a ir além. Eles não se contentam com a idéia de conceder maiores vantagens aos *capitais* externos, e propõem

relaxar também as barreiras alfandegárias que defendem a produção nacional. Acreditam que em contrapartida poderão atuar com maior vantagem nos mercados internacionais. Dando consequência a uma ampla campanha publicitária deflagrada no ano passado pela Fiesp, em que se procurava demonstrar que "o mundo não tem fronteiras", o presidente da entidade, Mário Amato, foi ainda mais incisivo no discurso que pronunciou no encontro, na qualidade de líder empresarial mais votado. "É ponto fundamental adotarmos definitivamente a internacionalização de nossa economia", disse sem meias palavras. Tão taxativo quanto ele foi Abílio Diniz, do grupo Pão de Açúcar. "Eu acredito que a abertura deveria ser feita em todos os setores", afirmou.

Burguesia não admite sequer debater redução da dívida interna

Outro item que revela o aferramento dos empresários aos privilégios e favorecimentos de que se beneficiaram nos últimos anos é o posicionamento em relação à dívida interna. Todos os analistas sérios da economia brasileira reconhecem que os juros pagos aos credores do Estado foram responsáveis nesta década por uma monumental transferência de riqueza, sempre em favor dos grandes grupos econômicos. Ao longo dos últimos três anos este fenômeno adquiriu contornos ainda mais graves, e conduziu ao completo enalacrimento financeiro do Estado brasileiro.

Os "líderes empresariais", contudo, não admitem sequer debater a hipótese de uma re-



Na mesa, os empresários eleitos como "líderes" por sua classe. Para eles, Lula é "o único candidato que preocupa"



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



dução, ainda que parcial, da dívida interna. "Seria dramático quebrar a confiança no governo", declarou Olavo Setúbal, referindo-se à possibilidade de que o futuro presidente proceda, através de decisão política, à reversão do processo que levou as grandes empresas a ampliarem seus lucros apesar da crise, e que em contrapartida conduziu à redução do valor real dos salários e ao empobrecimento expressivo do povo, ao longo dos últimos anos.

As opiniões manifestadas na reunião dos líderes empresariais parecem, aliás, convergir para a tese da privatização em massa das empresas estatais, através da conversão dos títulos da dívida interna em ações destas empresas. Esta opção foi claramente exposta por Antonio Ermírio de Moraes, presidente do maior grupo privado nacional, o Votorantim. Ermírio, aliás, foi ainda além e propôs a transferência de parte das estatais aos bancos estrangeiros credores do país, que transformariam igualmente seus créditos em participação no capital das companhias construídas com o sacrifício do povo brasileiro.

Fingindo desconhecer a verdadeira origem da bancarrota do Estado, o empresário Olacyr de Moraes, presidente do Grupo Itamarati, que controla 25 empresas, apresentou sua receita particular para tirar o país da crise: "reduzir drasticamente o tamanho do setor público, demitindo-se pessoal, fechando ministérios e diminuindo salários". Não é preciso muita sagacidade para entender por que ele nem ao menos faz alusão ao pagamento dos juros internos, que segundo o previsto na proposta orçamentária do governo para 1990 custarão ao Estado mais que a soma a ser gasta com os ordenados de todos os funcionários públicos, ao longo dos 12 meses do ano.

Vender em massa as estatais, inclusive para capital externo

Defensores de um conjunto de medidas que equivale a aprofundar um modelo de desenvolvimento crescentemente contestado pelo povo, os líderes empresariais mais votados na pesquisa promovida pela revista "Balanço Anual" foram unânimes em demonstrar forte preocupação com a disputa presidencial. Eles manifestaram uma indisfarçável intranquilidade diante da possível vitória de um candidato de esquerda, capaz de deflagrar um período de intensa mobilização política do povo e de luta por transformações profundas nas estruturas do país. E identificaram claramente em Lula o alvo principal de suas preocupações.

Embora as simpatias pessoais de cada um recaiam sobre um amplo leque de opções



Setúbal, do Banco Itaú. Incapaz de enxergar as verdadeiras origens da crise, a burguesia "exige" a manutenção do modelo de desenvolvimento que a enriqueceu ainda mais, enquanto aprofundava a miséria do povo e lançava a economia no atoleiro

(Antonio Ermírio chegou a declarar que Roberto Freire está entre suas opções preferenciais de voto) os grandes empresários concentram suas energias no esforço para fortalecer uma candidatura conservadora capaz de chegar efetivamente ao segundo turno. José Eduardo Andrade Vieira e Ozires Silva declararam antecipadamente seu voto em favor de Fernando Collor. Abílio Diniz afirmou que sua opção inicial era por Mário Covas, mas que agora acha melhor "o voto útil, no sentido de procurar eleger um candidato que defenda a livre iniciativa e a economia de mercado". Mesmo ressaltando que não simpatiza com a candidatura do ex-governador de Alagoas, Antonio Ermírio voltou a destacar durante o encontro que tentara demover o presidente Sarney da articulação em favor do lançamento de Sílvio Santos, por acreditar que ela pode ser nociva aos conservadores, e que "as divergências entre o presidente e Collor são menos importantes" que a necessidade de derrotar a esquerda.

A busca do "voto útil" contra esquerda, já no primeiro turno

Mesmo a aversão ao "homem do Baú", porém, precisa ser encarada de forma relati-

va. Alguns dias depois do encontro promovido por "Balanço Anual" Olacyr de Moraes pontificou: "Votaremos em Sílvio Santos se ele tiver condições de vencer". Por vencer entenda-se, no caso, derrotar Lula, que Abílio Diniz definiu durante a reunião, e sem que fosse contestado, como "o único candidato que preocupa". "Até o Brizola não seria um desastre", ressaltou o acionista do Grupo Pão de Açúcar.

Até Sílvio Santos serve, se for capaz de enfrentar Lula

Por estarem conscientes de que há possibilidades concretas de que a hipótese que mais temem se transforme em realidade os líderes empresariais deixaram claro que prepararam-se para resistir às mudanças, no caso da vitória do metalúrgico. Mário Amato foi ao ponto de declarar que a aplicação de uma plataforma de mudanças com sentido progressista iria contra o que chamou de "índole do povo brasileiro", não se sabe baseado em que critério.

Ainda mais significativas que esta, porém, são suas considerações conclamando os empresários a resistir a medidas que possam ser adotadas por um candidato de esquerda

eventualmente eleito pelo povo. "Não é possível alterar as regras já estabelecidas", ameaçou o presidente da Fiesp. Em seguida sugeriu que, a exemplo do que fizeram ao longo dos trabalhos constituintes, os grandes grupos econômicos irão apoiar-se na maioria conservadora do Congresso para tentar impedir as transformações reclamadas pelo povo. "Qualquer tentativa de mudança do modelo econômico deve acontecer no foro adequado para isso, ou seja, no Congresso Nacional, e para mais essa batalha devemos estar preparados", disse Amato.

Recorrer ao Congresso, e bloquear possíveis mudanças progressistas

Os líderes empresariais não descartam também a possibilidade de lutarem para cooptar um possível presidente de esquerda. "A esquerda radical, quando assume o poder, se tiver instinto de sobrevivência, torna-se realista. Aconteceu com Mitterand, na França, Gonzales, na Espanha, e Menem, na Argentina", afirmou Olacyr de Moraes. Como se estivesse desde já empenhado em transformar em realidade o vaticínio do presidente do Grupo Itamarati, a revista "Veja" publicou com grande destaque, em suas últimas edi-

ções, matérias em que enxerga grandes méritos em Gonzales e em Menem, justamente por terem traído os pontos progressistas dos programas com base nos quais foram eleitos.

Discurso denuncia os limites estreitos das convicções democráticas

No discurso que fez durante o seminário promovido pela revista "Balanço Anual" Antonio Ermírio de Moraes afirmou que os empresários "sempre desejaram a democracia", e fez referência ao período em que, já sofrendo os primeiros efeitos da crise econômica que se abateria sobre o país, opuseram-se parcialmente ao regime militar. Um pouco mais tarde, porém, Olacyr de Moraes se encarregaria de colocar a nu os limites destas supostas convicções democráticas, e de sugerir que a grande burguesia brasileira ainda vê nas Forças Armadas a saída para inverter uma eventual derrota política de maiores proporções. Numa declaração arrogante, e que atenta contra toda a história recente de lutas e também de sacrifícios e sofrimento impostos pela intervenção militar em 1964, e afirmou que ela teve na verdade "um caráter apaziguador".

(A.M.)

No programa, as razões para votar em Lula

Tarcísio Matos.

O que está por trás das candidaturas conservadoras vem sendo denunciado constantemente pela Frente Brasil Popular. Faltando apenas alguns dias para as eleições, candidatos como Collor, Maluf e Afif — os mais diletos dos empresários, imperialistas e reacionários de todo tipo — vão deixando transparecer — apesar de intensa propaganda esteticamente bem feita, com mensagem enganosa, habilmente maquiada — o vazio de propostas para administrar o país, promessas escandalosamente impraticáveis para solucionar os problemas da nação.

Brizola, Mário Covas e Freire, apesar de se fantasiarem de centro-esquerda ou esquerda, também não apresentam um programa consistente de governo, porque — esta é que é a verdade — têm discurso de defesa de uma sociedade híbrida, de conciliação com o Estado conservador. A própria candidatura "balança e cai" de Sílvio Santos, e os fatos criados em torno dela, contribuíram para que o eleitor assimile essas considerações. À beira das eleições, num gesto de pânico assumido, as classes dominantes tomam o homem do baú pelas mãos na tentativa de viabilizar o segundo turno com dois candidatos de direita. Para tanto, contam com as possibilidades de Collor, apesar da visível queda da sua candidatura. O certo é que ambos não têm consistência, fogem do debate profundo de idéias, já que resolver os problemas do povo passa inevitavelmente pela derrocada dos interesses antinacionais e antidemocráticos que os norteiam.

Lula e a FBP clareiam a cabeça do eleitor com um programa avançado

Denunciando a cumplicidade de classe das demais candidaturas, Lula e a FBP, usando de seu prestígio e credibilidade, clareiam a cabeça do eleitor, apresentando um programa avançado de governo, que desenha como vai ficar a cara do Brasil com a vitória de Lula: um Brasil de desenvolvimento econômico independente, com distribuição de renda, voltado para as necessidades do povo brasileiro.

São estas as principais propostas do programa de treze pontos da FBP: governo democrático e popular, isto é, um governo da grande maioria que seja expressão de todas as lutas por uma sociedade justa; democratização do Estado e da sociedade com a aproximação do povo ao processo político; democratização e controle social dos meios de comunicação de massa. O governo da Frente se compromete a defen-

der e ampliar os direitos dos trabalhadores: estará garantido o apoio à autonomia das organizações de massa dos operários e camponeses e o direito de greve, cabendo aos trabalhadores decidir quando exercê-lo. A FBP propõe a implantação de um novo modelo de desenvolvimento econômico e social, com a suspensão do pagamento da dívida externa, a desconcentração geográfica da riqueza e da produção, a elevação gradual, efetiva e

A FBP não pagará a dívida externa e romperá com o FMI

permanente do salário mínimo real, atingindo os níveis definidos pelo DIEESE; adoção de rígidas medidas contra fuga de capitais, especialmente remessas de lucros disfarçadas. O governo da FBP romperá os acordos com o FMI, instaurará auditoria para verificar a origem e natureza dos débitos existentes e convocará uma conferência internacional dos países devedores, para adoção de uma estratégia comum de ação. De acordo com as aspirações das amplas massas camponesas, o governo democrático e popular fará a reforma agrária, desencadeada por um programa contra o latifúndio e articulada com a luta por um novo modelo agrícola, que priorize a produção de alimentos e o abastecimento popular. Isto requer a revisão dos dispositivos constitucionais que proíbem a desapropriação de terras consideradas como produtivas. O governo da frente dedicará atenção preferencial aos pequenos e médios produtores rurais, apoiando-os com assistência técnica, linhas de crédito especiais, política de preços remuneradores, infraestrutura de transporte, armazenamento e comercialização. O combate à corrupção é uma das prioridades de Lula, além da desprivatização do Estado, da liquidação da especulação financeira e da reforma administrativa.

A FBP se compromete com a defesa do meio-ambiente e a qualidade de vida

A FBP se compromete com a defesa do meio ambiente e a melhoria da qualidade de vida. Promoverá a revisão global do modelo de desenvolvimento do Centro-Oeste e da Amazônia e subordinará a exploração de minérios às necessidades do povo brasileiro. O novo governo coibirá as atividades econômicas que degradem o meio ambiente, incentivará o desenvolvimento de tecnologias eficientes, poupadoras de energia. O Acordo Nuclear com a Alemanha será cancelado e



A política coerente do PCdoB foi importante na construção da unidade dos progressistas.

substituído por uma nova política nuclear, com o controle de todas as pesquisas e projetos pelos civis. O governo da FBP se manifestará frontalmente contrário às armas atômicas.

Na área da saúde e previdência, o governo modificará o atual sistema, implantando o Sistema Único de Saúde, garantindo a todos os brasileiros atendimento gratuito, integral e de boa qualidade, com prioridade total à prevenção de epidemias. Serão imediatamente estatizados os bancos de sangue, banido o comércio do produto, garantida a sua descontaminação e eliminados os riscos de aquisição de doenças através das transfusões. Será dada atenção especial à saúde da mulher, das crianças e dos idosos.

Quando aos aposentados, o governo humanizará o atendimento através da agilização e descentralização do pagamen-

to dos benefícios. No governo da frente será amplo o acesso à educação e à cultura, com prioridade à rede pública de ensino. Os recursos públicos serão aplicados exclusivamente na rede pública de ensino. O ensino básico será universalizado e haverá programa eficaz de combate ao analfabetismo. A formação técnica será estimulada e se garantirá autonomia e alta qualidade da Universidade Pública.

O Brasil precisa de uma ampla reforma urbana que assegure casa, transporte e saneamento. O novo governo investirá na construção de conjuntos e casas populares e no saneamento básico, redirecionando para este fim, os recursos do FGTS.

O fim da tutela militar será uma conquista democrática. O governo da FBP apresentará ao Congresso Nacional emenda que vede qualquer interferência militar na vida política

do país. Criará o Ministério da Defesa, agrupando nele as três armas. Suprimirá o SNI. No nosso governo não haverá lugar para o racismo que será combatido sem tréguas.

Fim da tutela militar e democratização ampla da vida nacional

A nível de relações internacionais, o governo da frente adotará uma política independente, pautada pelos princípios de autodeterminação dos povos. Defenderá a implantação de uma nova ordem econômica internacional, que liquide as relações de dependência e subordinação da maioria das nações em relação aos países imperialistas. Apoiará a luta de Cuba, El Salvador e se oporá às intervenções externas. Romper-se-á imediato as relações com o regime racista da África do Sul.

As sucessões na história

1945-1954 — Nacional-reformismo versus entreguismo

José Carlos Ruy

A série As sucessões na história tem despertado grande interesse. A redação tem recebido inúmeras cartas de leitores, principalmente estudantes de história que informam inclusive sobre a utilização de muitos artigos aqui publicados em trabalhos escolares. Algumas edições da Classe saíram sem artigos da série devido a problemas de espaço provocados pela prioridade da campanha eleitoral e outros assuntos da atualidade. O plano editorial é prosseguir a publicação de As sucessões na história chegando até a transição da ditadura militar com a "Nova República", o que pretendemos fazer até a nossa última edição do ano.

"A Nação espera... que o Exército contribua agora para que ela se liberte definitivamente do Estado Novo e do sr. Getúlio Vargas", pedia o jornal *Correio da Manhã* em 15 de agosto de 1945, refletindo o pensamento de muitos setores da elite brasileira. Dois campos se formavam, então, e eles marcariam a política nas décadas seguintes: o nacional-reformista, liderado por Getúlio Vargas, e o campo pró-americano e conservador, liderado pela União Democrática Nacional. Getúlio Vargas inquietava as elites porque, aparentemente, estava tentando reformular as bases de seu poder, procurando apoio nos trabalhadores: restabeleceu relações diplomáticas com a URSS, concedeu anistia aos presos políticos, aceitou o apoio do Partido Comunista, decretou uma lei antitruste que defendia a economia nacional e criava obstáculos à formação de monopólios econômicos. Ao mesmo tempo, crescia o movimento *queremos Getúlio Vargas*, o *queremismo*, que preconizava uma Assembleia Constituinte com Vargas no poder. Era uma ameaça aos interesses da elite: nessas condições, a nova Constituição poderia consolidar muitas das conquistas democráticas e econômicas que se esboçavam no final do Estado Novo.

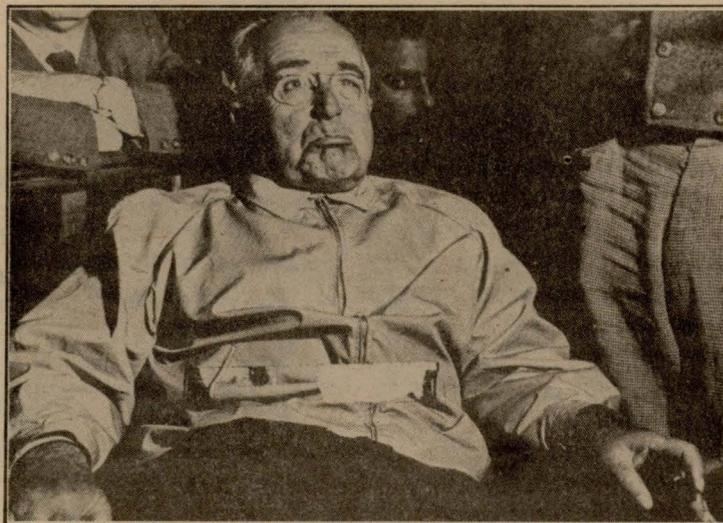
Nessa conjuntura, a velha oposição liberal ao Estado Novo, organizada na UDN, se ligou aos chefes militares descontentes com os rumos que a política tomava e, a 29 de outubro de 1945, liderados pelo general Góis Monteiro, depuseram Vargas, com a concordância dos dois principais candidatos à presidência da República, o marechal Dutra e o brigadeiro Eduardo Gomes, e com apoio indistinto do embaixador norte-americano, Adolfo Berle.

A sombra de Vargas pairava sobre o país e influenciou a eleição de 45

A deposição de Vargas foi o

primeiro episódio de confronto entre os dois campos — o nacional-reformista e o entreguista —, que culminaria em 1964 na derrota do primeiro e no estabelecimento da mais longa ditadura militar da história do Brasil. Além da UDN, que reunia os grandes grupos financeiros (como Magalhães Pinto, Pedro Aleixo e Clemente Mariani e jornais conservadores como "Correio da Manhã", "O Estado de S. Paulo", "Tribuna de Imprensa" etc.) e os setores das oligarquias que foram postos fora do poder desde 1930, as demais forças políticas estavam organizadas em três partidos principais. O PSD (Partido Social Democrático) reunia políticos ligados ao Estado Novo, novas oligarquias que surgiram depois de 1930 e velhas oligarquias que se aliaram a Getúlio Vargas, "coronéis" como Ismar de Góis Monteiro (Alagoas), Agamenon Magalhães (Pernambuco), Maurício Graco Cardoso (Sergipe), Israel Pinheiro (Minas Gerais) e Virgílio Machado (Minas Gerais), entre outros. O PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) reunia os líderes sindicais ligados ao Ministério do Trabalho e foi lançado por Vargas para concorrer com o Partido Comunista. "Lancei o PTB — disse ele — para criar a força política de que o trabalhador necessita." Finalmente, havia o Partido Comunista do Brasil, reorganizado depois de anos de ditadura, que se beneficiava do enorme prestígio obtido pela URSS após a guerra e teve êxitos eleitorais memoráveis no curto período de legalidade após o final do Estado Novo.

A sombra de Vargas pairava de forma determinante sobre a vida política, e teve influência decisiva na eleição presidencial de 1945. Tudo indicava a vitória tranquila do candidato opositorista, Eduardo Gomes. Porém, uma declaração de Vargas em favor de Dutra mudou o quadro, e o velho condestável do Estado Novo foi eleito por maioria absoluta



Uma sombra que pairou por muito tempo sobre a vida política do país

(55%) dos votos. Apesar do apoio getulista, Dutra baseou seu governo numa coalizão conservadora que aproximou PSD e UDN num governo cujo livre-cambismo faria inveja aos atuais defensores do neoliberalismo. Ele encontrou o país em excelente situação financeira, com saldos superiores a 6 bilhões de dólares devidos pelos países industrializados e com reservas de 708 milhões de dólares em 1945. Até 1950, o país literalmente *torrou* essas reservas, gastando mais de 2 bilhões de dólares na importação de carros, geladeiras, artigos de luxo, numa febre consumista sem precedentes.

Deliberadamente, os gastos com máquinas e equipamentos industriais foram extremamente baixos, desperdiçando uma oportunidade única para o desenvolvimento do país. Se houve ocasião em que o Brasil perdeu o bonde da história, foi naquela época, sob liderança dos avozinhos dos atuais pregoeiros da modernização conservadora. O antiindustrialismo que dominava o governo Dutra ficou claro na declaração do ministro da Fazenda, Pedro Luis Correa e Castro, de que o Brasil devia continuar sendo essencialmente exportador de produtos agrícolas e importador de industrializados, pois essa seria "uma característica da economia latino-americana".

O general Dutra fez o alinhamento automático do Brasil com os EUA

Além disso, Dutra promoveu o alinhamento automático do Brasil com os Estados Unidos, tomou inúmeras medidas antioperárias e iniciou as pressões contra o Partido Comunista, que levaram à cassação do registro do partido em maio de 1947.

O campo nacional-reformista parecia derrotado. Na sucessão de Dutra, ele se reafirmou, contudo. Vargas se

candidatou à presidência, apoiado pelo PTB e seus sindicalistas, pelo PSP (Partido Social Progressista) de Ademar de Barros e por uma enorme facção do PSD. Era uma aliança estranha, que reunia trabalhadores e oligarquias estaduais fiéis a Vargas, uma aliança que seria responsável pelas limitações do seu segundo período de governo. O programa nacional-reformista se reafirmou de maneira clara. "A minha atuação obstinada — dizia Vargas em campanha — foi transformar em nação industrial uma nação paralisada pela monocultura extensiva e pela exploração primária das matérias-primas." Por isso, dizia, é preciso "renovar o impulso perdido em 45"

Carlos Lacerda, autor de receita golpista. Teve seus seguidores.

A reação da elite pró-americana foi imediata. Um de seus líderes, o jornalista Carlos Lacerda, escreveu que Vargas "não deve ser candidato à Presidência. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse. Empossado, devemos recorrer à revolução para impedi-lo de governar" ("Tribuna de Imprensa", 1º de junho de 1950). Vargas foi eleito com 49% dos votos, e a elite conservadora seguiu a declaração de Lacerda como se fora um programa. Logo após a divulgação dos resultados eleitorais, a UDN (cujo candidato, Eduardo Gomes, ficara com 30% dos votos) tentou impugnar a eleição a pretexto de que o eleito não tivera a maioria absoluta dos votos. Perdeu. Esperou uma reação militar contra o eleito, mas os chefes militares se contiveram. As Forças Armadas estavam tensas, mas divididas. Vargas atraiu para seu governo Góis Monteiro, o líder do golpe de outubro de 1945, e os setores nacionalistas do Exército, interessados em um governo que implantasse uma política eco-

nômica que desse autonomia à defesa nacional, desejo transparente na declaração do general Newton Estilac Leal, aliado a Vargas: queremos "um Brasil que satisfaça com seus próprios meios suas necessidades de defesa. Um Brasil industrial, que dê navios mercantes e de guerra..., aviões..., canhões e carros de combate". No governo, Vargas adotou várias medidas democratizantes e de defesa da economia nacional, como o fim da exigência de atestados ideológicos em eleições sindicais e a lei antitruste (que havia sido abolida pelos golpistas de 1945). A oposição a seu governo, contudo, foi intensa, explorando inclusive as limitações do nacional-reformismo. Vargas procurou conciliar o apoio popular com o de oligarquias estaduais, tentou implantar um programa nacionalista com participação do capital estrangeiro na economia nacional. Com isso, foi perdendo pouco a pouco seus aliados. Primeiro, perdeu o apoio dos trabalhadores — o custo de vida, muito alto, foi o estopim para manifestações em todo o país, como a da Panela Vazia, em São Paulo (1953). Vargas trouxe João Goulart, do PTB, para o ministério do Trabalho, mas o afastou quando as pressões militares contra o ministro cresceram, após o anúncio de um aumento de 100% no salário mínimo. Vargas mandou uma mensagem anual marcadamente nacionalista ao Congresso Nacional, em 1954; ao mesmo tempo, anuncia medidas para limitar a remessa de lucros ao exterior dos capitais estrangeiros aqui investidos, mas vacilou na adoção do monopólio estatal do petróleo e na criação da Petrobrás. Na área militar, um severo golpe contra Vargas foi a derrota da chapa nacionalista na eleição do Clube Militar, em 1952, dando à direita da Cruzada Democrática, dirigida pelo general Alcides Etchegoyen, o controle daquela importante entidade de mobilização militar, que se transformou desde então num dos mais intensos focos de oposição ao governo.

Os primeiros sinais da conspiração apareceram na eleição militar

O segundo governo Vargas constituiu um embate permanente entre o nacional-reformismo, que preconizava um desenvolvimento capitalista autônomo para o país, e as forças conservadoras e entreguistas, antinacionais, antipopulares e antidemocráticas. O golpe de 1945, a Assembleia Constituinte e a eleição de 1954, com o suicídio de Vargas, em vitória temporária dos interesses antinacionais e antipopulares.

A revolta dos peões baianos

Durante 3 dias Salvador (BA) foi ocupada pelos operários da construção civil, que realizaram uma combativa greve em todo o Estado. Foi a maior manifestação da categoria nos últimos 30 anos. O movimento foi dirigido pelos sindicalistas da oposição à atual diretoria do sindicato e por integrantes da Corrente Sindical Classista.

A capital baiana é o segundo mercado imobiliário do país. No dia 19 a greve estourou. Uma greve legal, não só por estar garantida pela Constituição, como também por exigir o cumprimento das leis trabalhistas, solenemente ignoradas pelos tubarões do setor.

Aos gritos de "1, 2, 3, chegou a nossa vez", 10 mil operários com fome, sede, percorreram quilômetros até o centro da cidade. Dentre suas reivindicações, coisas básicas, como água potável no trabalho, sanitários decentes, capacetes,

luvas e óculos de segurança, assistência médica, carteira de trabalho assinada etc.

A greve foi comandada por Washington de Souza, veterano sindicalista, e por Everaldo Augusto, da Corrente Sindical Classista e vice-presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia, quartel-general do movimento. Em suas passeatas, os operários levavam faixas condenando Veloso, o pelego que há 30 anos está encastelado no sindicato da categoria.

Mesmo a imprensa burguesa não pôde esconder a traição de Veloso: "O Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil de Salvador continua cego, mudo e surdo, após o segundo dia de paralisação de 56 mil operários", estampava em suas páginas o "Jornal da Bahia".

Muitas mulheres trabalham na construção civil: serventes, pedreiras, ajudantes, auxilia-



Passeata dos grevistas da construção civil em Salvador. No detalhe, Washington de Souza, líder da oposição

res de eletricitista, cozinheiras. Reclamam da discriminação, e não fogem à luta. A "Rádio Peão", improvisada no carro de som, entrevistou muitas Marias, que possuem em média 4 filhos e moram na periferia de Salvador. Elas ainda falaram nas assembleias, denunciaram o machismo e exigiram

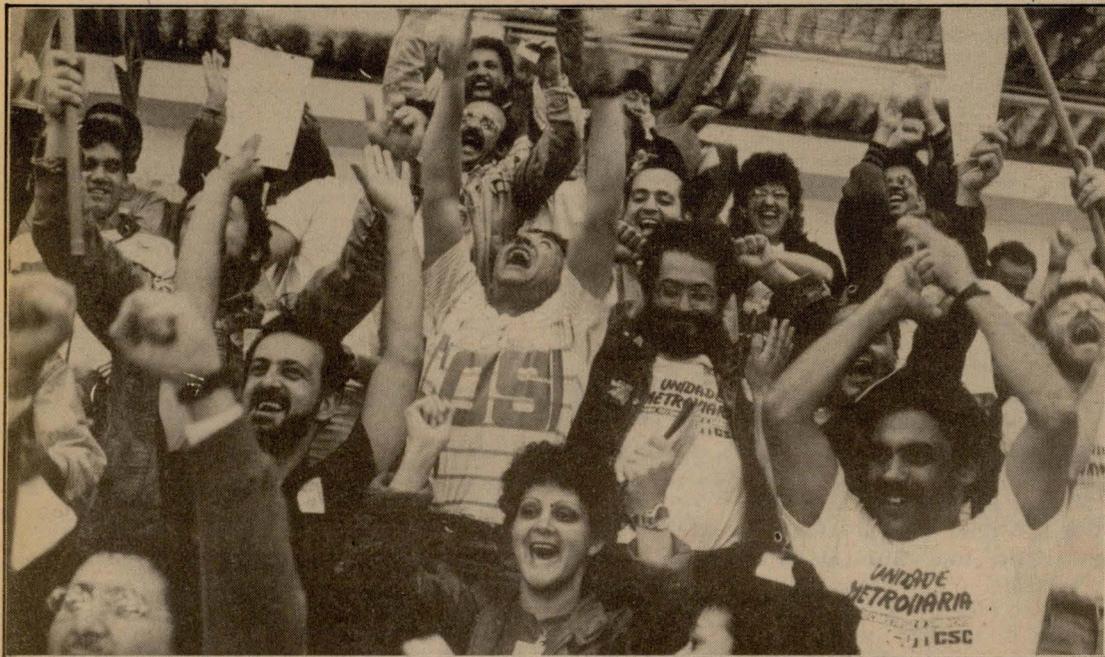
o respeito aos seus direitos.

Os patrões, surpreendidos com a greve, ameaçaram só negociar com o presidente do sindicato, sempre dócil aos seus interesses. Mas não deu certo. Tiveram mesmo que ir à DRT negociar com a oposição e a Corrente Sindical Classis-

ta. E a greve foi vitoriosa!

Há 3 meses da data-base, os operários conseguiram reposição de perdas salariais (67%), antecipação da inflação de outubro (40%), ganho real de 10% em outubro e 10% em dezembro, entre outras conquistas. (Kardé Mourão, da sucursal)

Foto: Paulo Torraca/Fóton



Metroviários comemoram a vitória da chapa da CSC-CUT

Vitória da unidade metroviária

"Uma vitória esmagadora da categoria contra as manobras da empresa". Assim Wagner Gomes, o novo presidente do Sindicato dos Metroviários de São Paulo, classifica a vitória da Chapa 1 — Unidade Metroviária, por ele encabeçada, nas eleições sindicais realizadas no final de outubro.

A chapa de Wagner teve quase 5 mil votos, contra os 700 da chapa articulada pelo Metrô. "A categoria percebeu que a tal 'chapa 2' era uma armação da empresa. Afinal, a 'Unidade Metroviária' foi formada numa convenção com cerca de 2 mil companheiros da categoria. Teve seu programa discutido exaustivamente nos locais de trabalho e no próprio sindicato. A determinação da categoria era ter uma

chapa única. Mas a empresa acionou seus marionetes para tentar golpear nossa entidade. A resposta da categoria foi demonstrar sua união em torno do sindicato e dos companheiros mais representativos, dos ativistas que há muito atuam em defesa dos interesses da categoria".

Wagner Gomes assumiu a presidência do sindicato no dia 6 de novembro, e sua gestão irá até 1992. A diretoria é integrada por elementos da Corrente Sindical Classista e da CUT. A chapa derrotada, formada a mando da empresa, teve o apoio ostensivo do "sindicalismo de resultados" Luis Antônio de Medeiros, do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo.

Metalúrgicos do interior votam na Corrente Classista

Mais uma vitória acachapante da Corrente Sindical Classista! No Sindicato dos Metalúrgicos de Ribeirão Preto, Sertãozinho e região, a chapa 1, da Corrente Classista, encabeçada por Élio Cândido, obteve 4.377 votos, contra 398 da chapa 2, ligada ao "sindicalismo de resultados" de Luis Antônio Medeiros.

Metade dos 40 integrantes da chapa 1 vão participar pela primeira vez da direção do sindicato, renovando e fortalecendo a entidade. O resultado está sendo considerado como a aprovação dos 9 anos de gestão de Guerreiro, o presidente do sindicato que agora passa o cargo para Élio Cândido.

Professores paulistas querem sindicato unitário e de luta

Um sindicalismo classista, de massas, de luta, democrático, politizado, independente,

organizado na base, defensor da unidade e internacionalista. É o que desejam os professores de São Paulo, conforme o que expressaram no Congresso da Apeesp, realizado de 25 a 29 de outubro com a participação de mais de mil delegados eleitos nas escolas. Além da discussão sobre a sucessão presidencial (veja matéria no encarte "A campanha em marcha"), os professores também aprovaram a formação de um sindicato único dos trabalhadores em educação, piso salarial articulado com a jornada única, reajuste mensal pelo índice de custo de vida do Dieese com pagamento quinzenal, contra a municipalização do ensino e pelo fim das comissões de negociação. A realização de uma greve de paralisação estadual, em 24 de novembro, em defesa dos interesses do magistério;

Liminar contra 2º turno dos eletricitários paulistas

A eleição do Sindicato dos Eletricitários de São Paulo está na Justiça. Após perder no primeiro turno para a oposição, por 5.702 votos a 4.970, a chapa 1, arquitetada por Magri, abocanhou a direção do sindicato.

Os integrantes da chapa 2, formada pela CUT-CSC, fazem denúncias graves sobre o processo eleitoral no segundo turno. A sede onde estavam as urnas, por exemplo, foi inva-

dida. A apuração foi feita na Rota (Polícia Militar), numa ação intimidatória de Magri. Existem fortes suspeitas de que urnas foram violadas e votos substituídos. Levando isso em conta, a chapa 2 entrou com liminar alegando fraude e pedindo a impugnação da eleição. A Justiça deve determinar a realização de perícia técnica, para apurar a falsificação de votos a favor da chapa 1.

da Frente Brasil Popular

discursos dos veteranos e sin-

Mobilização total do PCdoB

A Comissão Executiva da Direção Nacional do Partido Comunista do Brasil reuniu-se dia 30 de outubro em São Paulo, quando passou em revista a campanha eleitoral, a atuação dos comunistas e discutiu sobre as medidas políticas e organizativas na reta final.

A direção do Partido considera que o desenvolvimento da campanha confirmou as previsões iniciais de que a polarização se daria entre as forças populares e os candidatos das elites dirigentes. No entendimento da direção do PCdoB a campanha deixou claro que a candidatura de Lula foi abraçada pelo povo por representar as aspirações nacionais e

populares, ao passo que Collor, Maluf, Covas, Afif, Ulysses, Camargo, Aureliano e Brizola apreçaram como candidatos representantes das elites dirigentes do país.

Reafirmando a convicção de que Lula é o mais forte concorrente ao primeiro e ao segundo turnos, a Comissão Executiva Nacional do PCdoB adverte ao mesmo tempo que a batalha não está ganha, até por que as classes dominantes realizam manobras de todo o tipo para impedir a vitória popular. Por isso, segundo os dirigentes do PCdoB, o momento é de intensa mobilização política das fileiras partidárias, de absoluta concentração de

esforços nos momentos finais da campanha.

A reunião da Comissão Executiva Nacional do PCdoB aprovou o lançamento de um "Apelo à mobilização popular", assinado pelo presidente do partido, João Amazonas (veja íntegra na página 5).

Um dos itens discutidos pelo órgão dirigente do PCdoB foi o fortalecimento político, ideológico e orgânico das fileiras comunistas. Particularmente o recrutamento de novos militantes é uma tarefa na ordem do dia. A direção do Partido assinala que o recrutamento é mais eficaz em momentos de luta e intensa discussão e mobilização política como ocorre agora.

Aguinaldo Zordenoni



A aguerrida militância do PCdoB é fator decisivo na reta final da campanha

Fileiras comunistas crescem

Dois exemplos de adesão de ativistas e lideranças do movimento popular ao Partido Comunista do Brasil ilustram que a ampliação das fileiras partidárias é sempre possível e um dos aspectos necessários da atividade dos comunistas durante as lutas.

Em Goiás, cinco líderes do movimento sindical dos trabalhadores rurais do município de Doverlândia decidiram ingressar nas fileiras do Partido Comunista do Brasil. Em carta ao presidente do Partido, João Amazonas, eles declaram: "A resposta é clara e inequívoca — nossa luta nos aproximou do Partido. Diuturnamente lutamos contra a exploração e a marginalização a que somos submetidos por uma minoria que domina a sociedade e aspira o lucro fácil. No decorrer dessa luta conhecemos através do PCdoB as propostas da classe trabalhadora. E, comparando nossas aspirações com essas propostas, vimos que eram iguais, pois somos trabalhadores".

Segundo o presidente regional do PCdoB, Euler Ivo, o partido realizou mais de 300

filiações no Estado durante a campanha eleitoral, sendo cerca de 200 na capital, Goiânia.

O outro exemplo vem da Bahia e fala da adesão ao Partido de dezenas de lutadores da classe operária. Segundo informa Everaldo Augusto, membro do Diretório Regional, durante a última greve na construção civil (ver matéria na página 16) o recrutamento de operários foi uma tarefa organizada, dirigida com ousadia e determinação por um grupo de militantes de outras áreas de atuação e com a presença de dirigentes do comitê regional.

Everaldo conta que a primeira medida tomada foi tornar o PCdoB conhecido dos grevistas. Durante os três dias da greve o Partido marcou a sua presença, não só atuando com firmeza na defesa das propostas dos operários, mas também através de intensa propaganda com panfletagens, bandeiras e cartazes. A abordagem dos operários pelos comunistas era feita sem qualquer formalismo e incentivada pelo tom combativo dos discursos dos vereadores e sin-

dicalistas comunistas.

O Partido apresentava-se aos grevistas — conta Everaldo Augusto — defendendo o socialismo, a candidatura de Lula à Presidência da República e as reivindicações operárias. O convite para ingressar no Partido era precedido de uma reunião de ativistas em que dirigentes comunistas expunham aos operários os princípios programáticos e organizativos. Extremamente rica pelo tom dos debates e pela participação foi uma reunião realizada na presença do deputado federal e membro da direção nacional do PCdoB, Haroldo Lima, onde ele falou sobre os mecanismos da exploração capitalista e a luta pelo socialismo.

Segundo Everaldo Augusto os operários assimilam com facilidade os conhecimentos e a experiência do Partido, disputam as bandeiras nas passeatas e os novos militantes já se destacam como bons agitadores e arregimentadores de apoio na campanha de Lula e da Frente Brasil Popular.

CONSCIÊNCIA SOCIALISTA

Dia 15: mais do que a simples sucessão

Rogério Lustosa*

Os campos se definem. O povo toma consciência de que a união em torno da Frente Brasil Popular é a sua arma para o combate do próximo dia 15. Com o crescimento da candidatura Lula, as elites dominantes mostram seu desespero: Sarney tenta um golpe do baú de novo tipo, os candidatos da burguesia unem-se nas "armações" contra as forças progressistas e numa gritaria infernal contra o "perigo vermelho".

BATALHA DE CLASSES

Houve quem se surpreendesse com o rancor e o baixo nível dos ataques. Mas a eleição de 15 de novembro adquiriu um significado muito maior do que uma sucessão presidencial — além do que, no Brasil as sucessões sempre foram motivo de crises políticas. A batalha se dá em condições tais que a tônica é a polarização entre o povo e seus opressores. E com reais condições dos trabalhadores saírem vitoriosos.

O pleito transformou-se numa importante batalha de classes. É luta de classes diz respeito ao poder. Neste assunto qualquer vacilação ou ilusão resulta em desastre. Os detentores do capital não se detém diante de nada para manter seus privilégios e mordomias. Durante 21 anos de ditadura militar perseguiram, prenderam, torturaram e assassinaram os opositores. Hoje não conseguem aplicar estes métodos. Mas deles é de se esperar as piores manobras e violências.

PÉS NO CHÃO

Neste combate, os comunistas em particular precisam dar o exemplo. Não subestimar a capacidade do inimigo. Mas, em cada refrega, não perder a perspectiva histórica. Empenhar todas as forças neste vitória eleitoral sem esquecer que a luta não termina dia 15. Mas, sabendo que o sucesso agora capacita

as forças populares para os embates maiores em busca do poder para a classe operária e da construção do socialismo.

Mobilizar as fileiras hoje, com a consciência de que a revolução não é um objetivo distante, de um futuro abstrato. Mas uma tarefa que se cumpre enfrentando os problemas reais. No momento, o centro é a campanha eleitoral. Rebater cada calúnia e cada trapaça, para esclarecer o caráter de classe dos agressores, para separar os campos e revelar o conteúdo do poder estabelecido.

Não reagir de forma aventureira. Evitar provocações que isolem as forças de vanguarda dos aliados e das grandes massas trabalhadoras. A resposta maior será a transformação social, que é obra de milhões e não de uns poucos corajosos solitários.

MOBILIZAÇÃO TOTAL

Esta etapa, de propagandar os objetivos da Frente e conquistar votos para Lula, encerra-se unicamente às 17 horas do dia 15. Mais exatamente quando o último eleitor depositar seu voto. Até lá, nenhum operário consciente, nenhum militante de esquerda pode desmobilizar-se, sob qualquer pretexto.

No próprio dia da votação, e depois, na apuração, inicia-se a fase de garantir que a vontade do eleitor não seja fraudada pelos poderosos. Milhares de democratas podem participar deste esforço.

A luta de classes se faz com uma linha acertada mas, sobretudo, com ações práticas que concretizem a política. Poucas vezes na história do nosso país o êxito dos trabalhadores esteve tão próximo. É hora de cada combatente ocupar o seu posto e dar o melhor de si para mudar o Brasil e eleger um presidente com cara de povo.

* da direção nacional do PCdoB

Ramiz Alia: problemas do socialismo não se resolvem com reformas capitalistas

O socialismo não é um sistema social alheio a problemas. Exige mudanças e aperfeiçoamentos, especialmente a ampliação de sua democracia para assegurar o crescimento da participação e do controle popular sobre a sociedade, suas instituições, a política, o planejamento etc. Mas seu desenvolvimento segue uma linha radicalmente diferente das reformas capitalistas que foram e estão sendo implantadas na União Soviética, Polônia, Hungria e outros países revisionistas.

É o que mostra o primeiro-secretário do CC do Partido do Trabalho da Albânia (PTA), Ramiz Alia, no discurso pronunciado durante a oitava reunião plenária do Comitê Central do PTA, dia 25 de setembro, em Tirana, publicado no jornal "Zëri i popullit" sob o título "O Partido — sempre na vanguarda da sociedade, portador do progresso".

Tempo turbulento

Embora possa parecer que "sopram ares pacíficos", a realidade, segundo Ramiz Alia, é bem outra: "Vivemos num tempo turbulento", assegura. Um período em que se agravam enormemente as contradições do sistema capitalista em todo o mundo. Aumenta o grau de exploração dos trabalhadores, assim como a opressão sobre as nações dependentes, depois que as dívidas externas "se transformaram no meio moderno de escravização dos povos".

É falso pensar que o perigo de guerras de agressão está afastado. "Foram apagados alguns focos de guerra, mas ainda não há tranquilidade no Oriente Médio e as pessoas continuam sendo mortas no Sudeste Asiático ou na África. Atualmente renascem e se acendem as questões nacionais e os problemas étnicos que, na União Soviética e na Iugoslávia, nas relações entre a Bulgária e a Turquia ou entre a Hungria e a Romênia, acirram-se extraordinariamente", argumenta.

Artimanhas revisionistas

O primeiro-secretário do PTA observou que, atualmente, a perestroika de Gorbachev e o conjunto de reformas levadas a efeito nos países revisionistas, ao mesmo tempo em que completam a obra de restauração capitalista são utilizadas para desacreditar o socialismo, numa ofensiva anticomunista sem paralelos na história.

"Atualmente as consequências catastróficas do revisionismo na União Soviética e em



O primeiro secretário do CC do PTA (ao centro) saúda congressistas da Frente Democrática da Albânia

outros países, a completa degeneração política, ideológica, econômica e moral dos países onde os revisionistas estão no poder, são apresentados pela reação como o fracasso do comunismo. Os seus emissários mais notórios falam na 'exaustão das forças motrizes do socialismo', de sua falência, da 'morte de Marx' etc."

Sabe-se que nesses países não fracassou o comunismo nem a doutrina de Karl Marx. "Pelo contrário, a negação do comunismo, a substituição da ideologia proletária pela ideologia burguesa trouxeram a decadência moral e econômica, a desagregação multilateral", salientou Ramiz Alia.

Mas é tendo por base a falsificação ideológica da realidade histórica que uma onda de oportunismo "percorre atualmente toda a vida ideológica e política mundial, predomina nas conferências e reuniões internacionais, com os seus critérios são julgados e avaliados os diversos acontecimentos".

É necessário estar atento para esta ofensiva ideológica do anticomunismo, mas sem se deixar abater pelo pessimismo, pois ela "é temporária", conforme o primeiro-secretário do PTA. Como todo fenômeno social, também a revolução tem seus ascensos e descensos, porém o avanço do oportunismo não altera nem detém o processo de degeneração do capitalismo e sua crise geral, não sufoca em absoluto a revolução. "Esta marcha adiante porque é impossível que o proletariado e os povos conciliem com a exploração e a opressão. Ao passo que a burguesia e o imperialismo não

podem viver sem exploração e opressão."

Causas do revisionismo

Ele chama a atenção para a tarefa de aprofundar o estudo sobre o revisionismo, em especial sobre as causas de tal fenômeno, que não têm a ver apenas com o fator subjetivo, por maior que seja a importância deste. O próprio fato de um dirigente ou uma direção ter tido a possibilidade, após vários anos de socialismo, de fazer recuar o processo de desenvolvimento social, substituindo um regime mais avançado por outro que havia sido ultrapassado, mostra que alguma coisa não ia bem, "as válvulas de controle não funcionaram bem", o controle e a participação das massas na direção dos trabalhos "não foram eficazes, para não dizer que foram formais".

Na Albânia, o socialismo comprovou ser "o regime de mais elevada eficácia na história de nosso povo", sublinha. Mas o caminho de sua construção não é nem será pavimentado com flores. A construção do novo sistema é acompanhada por dificuldades e obstáculos "que emanam do atraso herdado, das rigorosas exigências de desenvolvimento econômico independente, mas também do cerco imperialista-revisionista. Enfatizo o cerco imperialista-revisionista, para o qual constantemente o camarada Enver Hoxha nos chamou a atenção porque, em decorrência de diversas razões, este fator é de certo modo subestimado".

"Ao capitalismo mundial,

"não agrada que a Albânia construa o socialismo, que ela combata o reformismo revisionista, que ela mostre aos povos que a revolução vive e progride, que o apoio nas forças internas é um princípio comprovador de sua eficácia."

Ramiz Alia ressalta que, em boa medida, os problemas do socialismo na Albânia decorrem da falta de experiência. Por isto, é preciso enfrentá-los com coragem, realizando as transformações que se fizerem necessárias sem abrir mão dos princípios do marxismo-leninismo.

"Para nós o fundamental é levar adiante com êxito o socialismo, fechar qualquer caminho que possa conduzir à sua deformação. Disso emana a tarefa de avançarmos rapidamente no conjunto dos trabalhos, de fazermos aperfeiçoamentos, complementações e ordenamentos quando e onde seja necessário, sem hesitar em recuar quando algum passo é dado com mais rapidez do que permitem as possibilidades criadas. Somente em alguns sentidos não nos moveremos jamais, em nenhuma circunstância: jamais permitiremos o debilitamento da propriedade comum socialista, assim como não permitiremos que se abram caminhos ao retorno à propriedade privada e à exploração capitalista; jamais permitiremos o enfraquecimento do poder popular, da ditadura do proletariado, assim como não dividiremos e não dividiremos o poder com nenhuma força antipopular; jamais abriremos mão do papel dirigente de nosso partido marxista-leninista e não per-

mitiremos seu enfraquecimento em nome de qualquer pluralismo que a burguesia nos sirva; jamais permitiremos que seja ameaçada a nossa liberdade, a independência e a soberania nacional. Consideramos estas questões como sagradas, por elas nosso partido lutou e lutará com consequência, por elas nosso povo derramou sangue e suor, por elas fizemos e devemos estar prontos a fazer qualquer tipo de sacrifícios."

Democracia socialista

O desenvolvimento do socialismo e o combate às tendências estranhas à ideologia do proletariado (que, caso floresçam livremente, podem conduzir à restauração capitalista), exige sobretudo o aperfeiçoamento e a ampliação da democracia socialista, a elevação do papel das massas na condução da história. "Precisamente porque a democracia é o princípio fundamental do socialismo devemos desenvolvê-la e aperfeiçoá-la incessantemente", diz Ramiz Alia, que aponta a necessidade de combater sem piedade as manifestações de burocratismo, indiferentismo e carreirismo no partido e no aparelho de Estado.

"Sem colocar as massas, com a classe operária à frente, de pé, sem dar a elas possibilidades e prerrogativas para agir, sem aplicar como se deve o direito que têm de revogar e demitir quem quer que viole as normas e não realize as tarefas, seja este membro de brigada ou quadro superior, independentemente da instância que o nomeou, não é possível resolver estes problemas."

Hoje no mundo a burguesia se esforça por tomar em suas mãos a bandeira da luta pela democracia e pelos direitos humanos, inclusive busca apresentar suas normas e conceitos sobre a democracia e os direitos humanos como a única medida, o único critério da verdade quanto a estas questões. Nesta tática os revisionistas cumprem um triste, mas destacado papel.

"Na verdade", lembra Ramiz Alia, "nossa democracia sequer pode ser comparada com a democracia burguesa. Também não é possível comparar os direitos humanos em nosso país com os direitos formais que têm o operário e o camponês nos países capitalistas. A democracia e os direitos humanos, o respeito a eles são atributos do socialismo, estão no conteúdo, na essência da ditadura do proletariado, do poder popular, da democracia burguesa que tem no conteúdo e na sua essência a opressão, a exploração e a injustiça em relação às massas populares."

O cavaleiro das trevas na escuridão dos cinemas

Ver "Batman", o filme, virou uma necessidade psicológica. Os investimentos fabulosos realizados para motivar o público para ir ao cinema vêm surtindo resultados. O filme vai batendo recordes. Um clima de histeria antecede sua exibição nas salas de projeção. É a batmania.

Carlos Pompe

Uma verdadeira fortuna está por traz do "homem-morcego" (veja box nesta página). Na sua estréia, em Los Angeles (EUA), para convidados especiais, foram gastos 500 mil dólares. No Brasil, foram investidos 750 mil dólares (custo maior que a produção e divulgação de um filme brasileiro) somente na publicidade do filme. Na semana da estréia, os principais jornais do país exibiram, diariamente, uma página inteira de divulgação da película. Chamadas no rádio e TV, exibição — à exaustão — do videoclip de Prince com seu "Batdance". Matérias longas nas principais revistas semanais (a "Veja", da Editora Abril - que publica as histórias em quadrinhos do personagem - deu-lhe capa).

Ufa! Campanha comparável só a que criou o personagem "Collor, o caçador de marajás" para disputar a Presidência da República... Uma excitação acentuada envolveu as platéias que foram aos 145 cinemas ver o filme já na estréia (lançamento maior do que os dos filmes dos "Trapalhões" ou da "Xuxa"). Chegaram a ocorrer troca de tapas entre pessoas da platéia (algumas, com camisetas do "Batman") antes da projeção. Paranoia pura.

Cavaleiro das trevas

O filme é lançado 50 anos após a aparição do personagem nos quadrinhos criados por Bob Kane, em 1939. Na época, Kane buscava competir com o "Super-Homem", um êxito editorial do pré-guerra. Resolveu, então, criar uma figura fantasiada de morcego, para "Aterrorizar os bandidos". Uma espécie de cabo Bruno norte-americano. Bruce Wayne, quando garoto, viu seus pais serem assassinados num assalto. Cresceu preparando-se para vingar a morte dos progenitores. Milhardário, montou uma academia de ginástica, laboratório, projetou carros e aviões, inventou uma infinidade de acessórios. Uma bela noite, saiu pelas ruas caçando bandidos, vestido de morcego.

A mercadoria teve boa aceitação pelo público consumidor. Mas era demasiado vingativa, mentalmente perturbada. Por isso, dois anos depois, Kane resolveu inventar-lhe um

parceiro, Robin, também órfão de pais vítimas de assaltantes. Mas mais chegado para o palhaço (era trapezista), do que para o macabro. Sua roupa rescendia a circo: verde, amarela, vermelha e preta. Através desse recurso, acredita Kane, Batman ficou mais "humanizado".

A dupla, chamada de "dinâmica", virou série de TV nos anos 60 - ainda hoje exibida nos nossos vídeos. Uma série escrachada, mais humorística do que violenta. Chegou mesmo aos cinemas, num único longa-metragem sem grande sucesso, já no início do anos 70.

Negror dos tempos

Mas o filme agora em exibição, produzido por Jon Peters e Peter Guber, preferiu o Batman sombrio dos primeiros anos. Até a cor cinza de sua batina foi substituída pelo negro. Seguindo o último modismo das histórias em quadrinhos — agora re-batizadas de "graphic novels" (novelas gráficas) —, o herói virou um sujeito atormentado ao extremo. Tal como aparece, já cinquenta, na revista "O cavaleiro das trevas", de autoria de Frank Miller, lançada em 1986 (500 mil exemplares vendidos no EUA; 30 mil no Brasil, e que está para ser relançada ainda neste fim-de-ano).

Os produtores chamaram Tim Burton para dirigir o filme. No Brasil ele só era conhe-

cido por uma comédia, "Beetlejuice - Os fantasmas se divertem". Ele colocou seu amigo Michael Keaton (que também trabalhou no "Beetlejuice") para fazer o homem-morcego. Aliás, o ator fez uma definição interessante de seu personagem, ao dizer que para representá-lo "a máscara era o pior de tudo. É como se meu pescoço estivesse dentro de um vaso, você não tem visão periférica e muito menos ouve alguma coisa. E eu suava, suava... Quase morri dentro daquela coisa. A capa pesava uma tonelada e eu quase desloquei meu ombro em uma cena quando tentei levantar o braço. Uma coisa é certa: somente alguém seriamente perturbado vestiria uma roupa dessas para sair à noite e surrar alguns maus elementos".

Baticum batuta

Apesar de "seriamente perturbado", como classificou seu intérprete, Batman é o mocinho, nesta história do bem contra o mal. O bandido é o Curinga. Uma interpretação marcante de Jack Nicholson. Um doido-varrido cruel, que disputa com Batman a supremacia sobre Gotham City e fica indignado: "Batman! Deus do céu! Que tipo de mundo é esse em que vivemos, onde um homem fantasiado de morcego ocupa o meu espaço na mídia..."

Nicholson é a grande atração do filme. É quem consegue tornar, apesar de todas as monstruosidades praticadas por seu personagem, menos pesada a adaptação cinematográfica do homem-morcego. Mesmo algumas incongruências do roteiro (de onde Curin-

Arquivo



O personagem desenhado por Bob Kane, em 1939

Os números do sangue-suga

Negócios são negócios. Mais, muito mais que um filme, "Batman" é um investimento. Um investimento que está tendo retorno fabuloso. Está prestes a ser a maior bilheteria mundial da história do cinema. Marx dizia que o capitalista é uma espécie de rei Midas — tudo que ele toca, vira mercadoria. Inclusive a arte. E, nela, o cinema. Por isso, vamos a alguns dos "batnúmeros" sempre em dólares, a moeda de "Gotham City":

Produção.....	40 milhões
Divulgação.....	9 milhões
Divulgação no Brasil.....	750 mil
Bilheteria mundial (previsão até dezembro).....	0 milhões
Arrecadação (até outubro, somente nos EUA).....	500 milhões
Venda de batbugigangas (previsão até dezembro).....	250 milhões

O filme tem duas trilhas sonoras. Uma do roqueiro Prince, com um videoclip de 9 minutos, chamado "Batdance". Vendeu 500 mil cópias nos EUA. A outra, a trilha instrumental, de Danny Elfman, vendeu 300 mil cópias nos Estados Unidos.

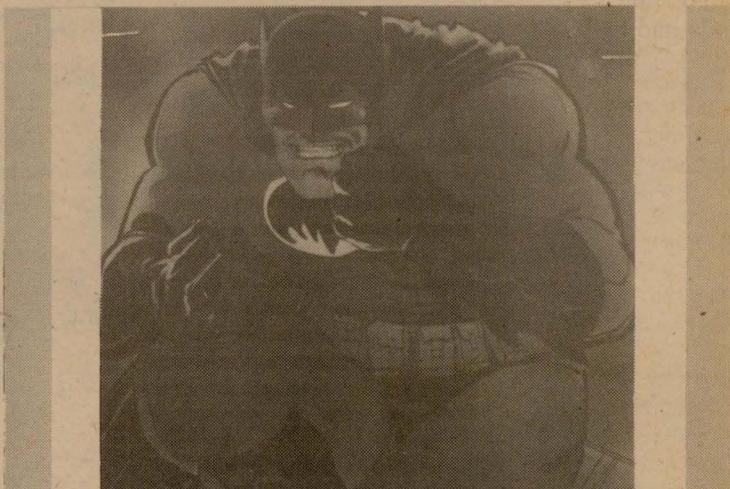
ga tira dinheiro para distribuir à população?) são amainadas com a sua risada sardônica.

Ao final, o "bem" triunfa. Mas é difícil dizer que Gotham City durma tranquila. Está entregue, com apoio oficial, a

um cabo Bruno armado com um arsenal surpreendente, paranóico, arvorando-se em dono da Justiça. Um monstro que aterroriza a cidade sob o manto da escuridão noturna e da impunidade. Como os bandidos.



Curinga (Nicholson): "Que tipo de mundo é esse em que vivemos!"



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Batman, segundo Frank Miller, na minissérie de HQ "O Cavaleiro das Trevas", que detonou a nova onda de batmanias, em 86.

Canção da frente única

Bertolt Brecht

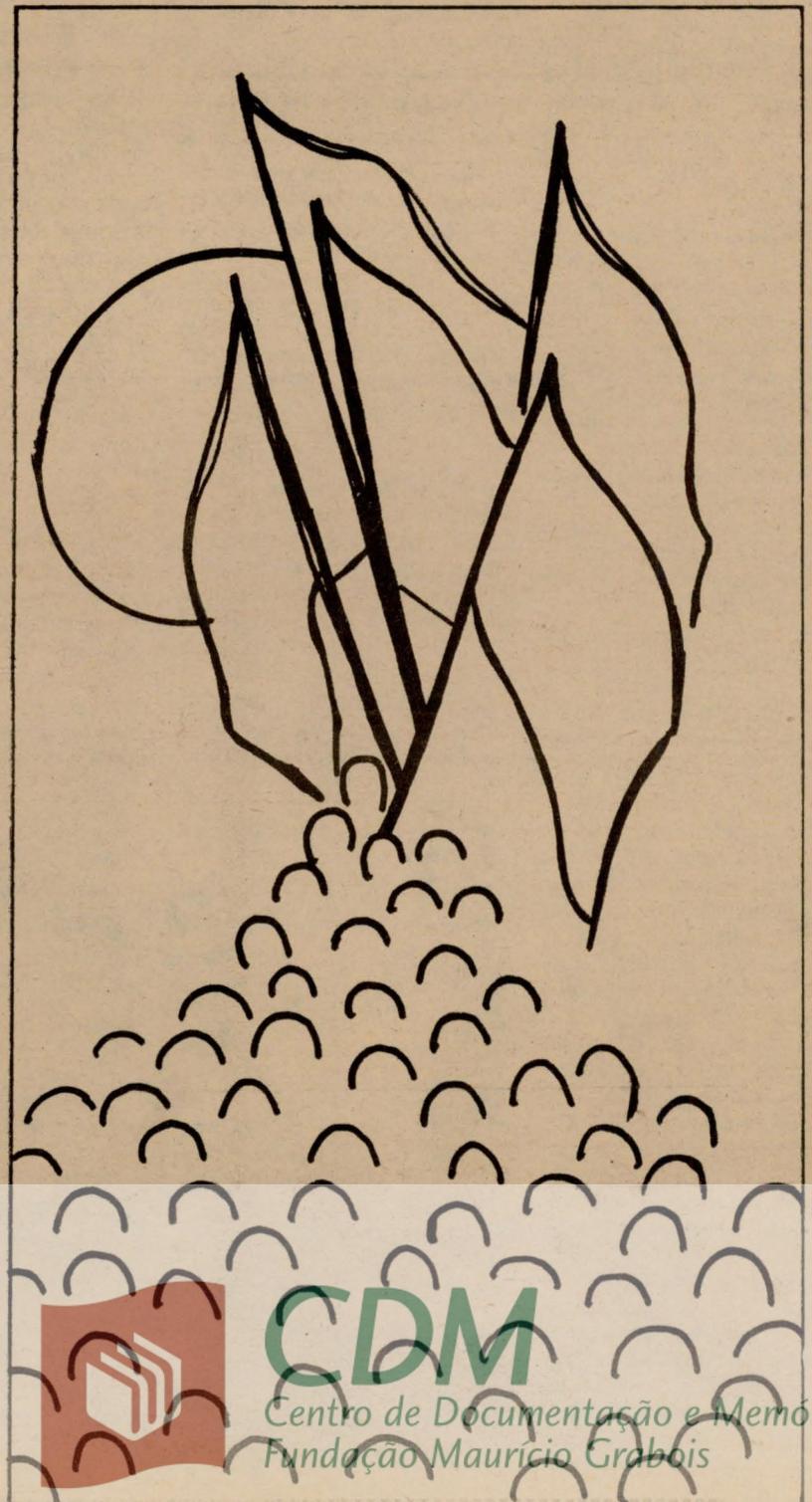
Porque o homem sempre sempre é homem
 quer o seu pão diariamente
 Conversa só não mata a fome
 Não há discurso que alimente.
 Pela esquerda, companheiro!
 Pela esquerda, companheiro!
 Aí tens o teu lugar.
 Na frente única operária
 é onde deves lutar!
 Porque o homem sempre sempre é o homem
 precisa e quer se agasalhar.
 Sermão, não basta para o frio,
 nem água benta para o lar.
 Pela esquerda, companheiro!
 Pela esquerda, companheiro!
 Aí tens o teu lugar.
 Na frente única operária
 é onde deves lutar!
 Porque o homem sempre sempre é o homem
 quer derrotar os opressores.
 Se não deseja ser escravo
 jamais aceita ter senhores!
 Pela esquerda, companheiro!
 Pela esquerda, companheiro!
 Aí tens o teu lugar.
 Na frente única operária
 é onde deves lutar!
 Porque o operário é o operário
 quer em si mesmo confiar.
 A liberdade a que ele aspira,
 somente a classe pode dar.
 Pela esquerda, companheiro!
 Pela esquerda, companheiro!
 Aí tens o teu lugar.
 Na frente única operária
 é onde deves lutar!

Elogio da dialética

A injustiça passeia pelas ruas com passos seguros.
 Os dominadores se estabelecem por dez mil anos.
 Só a força os garante. Tudo ficará como está.
 Nenhuma voz se levanta além da voz dos dominadores.
 No mercado da exploração se diz em voz alta:
 Agora acaba de começar!
 E entre os oprimidos muitos dizem:
 Não se realizará jamais o que queremos!
 O que ainda vive não diga: jamais!
 O seguro não é seguro. Como está não ficará.
 Quando os dominadores falarem
 falarão também os dominados.
 Quem se atreve a dizer: jamais?
 De quem depende a continuação desse domínio? De nós.
 De quem depende a sua destruição? Igualmente de nós.
 Os caídos que se levantem!
 Os que estão perdidos que lutem!
 Quem reconhece a situação como pode calar-se?
 Os vencidos de agora serão os vencedores de amanhã.
 E o "hoje" nascerá do "jamais"

Tudo será inútil

Têm código e leis.
 Têm prisões e fortalezas.
 (Não falemos de seus institutos de previdência!)
 Têm cárceres e juizes
 que recebem muito dinheiro
 e estão dispostos a tudo.
 Bem! E para quê?
 Crêem acaso que nos vão amendontrar.
 Antes de desaparecerem (e será brevemente)
 verão que tudo isto é inútil.
 Têm diários e imprensa
 para combater e tapar-nos a boca.
 (Não falemos de seus estadistas!)
 Têm curas e professores
 que recebem muito dinheiro
 e estão dispostos a tudo.
 Bem! E para quê?
 Temem tanto a verdade?
 Antes de desaparecerem (e será brevemente)
 verão que tudo isto é inútil.
 Têm tanques e canhões,
 metralhadoras e granadas.
 (Não falemos da goma de mascar!)
 Têm polícias e soldados
 que recebem muito dinheiro
 e estão dispostos a tudo.
 Bem! E para quê?
 Têm por acaso inimigos tão poderosos?
 Crêem que devem ter uma muleta
 para apoiar-se, pois estão caindo.
 Algum dia (e será brevemente)
 verão que tudo é inútil.
 Alguém poderá gritar: Alto lá! governe o mais forte,
 porque a eles não mais protegerão
 o dinheiro e os canhões!

**CDM**Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois